



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

WILLIAN FERREIRA FURTADO DE LACERDA

**A REALIZAÇÃO DO FONEMA LATERAL /l/ EM CODA SILÁBICA EM
VARIEDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO INGLÊS**

João Pessoa

2021

WILLIAN FERREIRA FURTADO DE LACERDA

**A REALIZAÇÃO DO FONEMA LATERAL /l/ EM CODA SILÁBICA EM
VARIEDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO INGLÊS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística.

Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena.

João Pessoa

2021

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L131r Lacerda, Willian Ferreira Furtado de.

A realização do fonema lateral /l/ em coda silábica em variedades do português brasileiro e do inglês /
Willian Ferreira Furtado de Lacerda. - João Pessoa,
2021.

91 f. : il.

Orientação: Rubens Marques Lucena.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3.
Acomodação linguística. 4. Atitudes linguísticas. 5.
Consoante lateral. 6. Coda silábica. I. Lucena, Rubens
Marques. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'27(043)

WILLIAN FERREIRA FURTADO DE LACERDA

**A REALIZAÇÃO DO FONEMA LATERAL /l/ EM CODA SILÁBICA EM
VARIEDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO INGLÊS**

Dissertação aprovada em 19 de agosto de 2021.

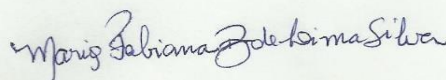
Banca examinadora:



Porf. Dr. Rubens Marques de Lucena (UFPB)
(Orientador)



Profa. Dr^a. Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa (UFPB)
(Membro avaliador)



Profa. Dr^a. Maria Fabiana Bonfim de Lima Silva (UFPB)
(Membro avaliador)

João Pessoa

2021

Ao meu filho, Arthur, por quem tenho e a quem dedico todo o amor do mundo, e às minhas avós, Mundinha e Chica (in memoriam), cujas partidas jamais superarei e que, em vida, me fizeram conhecer um amor que jamais esquecerei.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, longe de querer cair em um clichê, mas por entender que Ele é quem sabe de todas as coisas e que determina o tempo certo para tudo acontecer, permitindo-me concluir esse árduo caminho durante o qual a humanidade enfrenta uma pandemia. É um privilégio, em meio a tudo isso, estar vivo e ter a possibilidade e capacidade de estudar e trabalhar, estando ciente de que milhares de pessoas perderam suas vidas em decorrência da pandemia. Somente a Deus posso agradecer pela dádiva da vida e pelos privilégios que tenho em vida.

Agradeço cheio de afeto ao meu orientador, Rubens, entendendo que quaisquer palavras aqui expostas serão insuficientes para dimensionar a sua paciência, humanidade e dedicação à sua prática docente e ao desejo de ajudar e ver seus orientandos crescerem. Como ele bem sabe, eu almejava entrar no curso de mestrado desde muito cedo e sempre tive o sonho de tê-lo como orientador, pelas excelentes experiências que com ele tive nas disciplinas da graduação. Além do vínculo acadêmico, desenvolvemos um vínculo pessoal e o tenho como amigo, que fará parte da minha vida para sempre.

Aos meus pais, Espedito e Bernadete, e irmãos, Wênia e Wállison, que, mesmo muitas vezes sem entenderem ou concordarem com minhas decisões, representam toda força que eu poderia ter em vida, por mostrarem que, no fim, tudo fica bem devido à união e amor que temos uns pelos outros.

Ao meu filho, Arthur, que me faz diariamente ver a vida com mais ânimo e esperança e me desperta sempre uma felicidade e amor que eu nem sabia que poderiam existir. Tudo hoje é por e para ele.

À minha esposa, Ana Paula, por me aturar, pela paciência comigo, por me fazer experienciar um amor que cresce de forma recíproca e por me mostrar como a cumplicidade de um casal é importante para o crescimento mútuo.

À minha mãe (biólogica), Fátima, e irmãos, Yngrid e Yuri, que sempre demonstraram me amar, apesar do fato de não nos conhecermos pessoalmente e da distância física que nos separa. Um dia haveremos de nos encontrar.

Aos professores da graduação que também sempre me inspiraram e alimentaram o meu sonho de crescer academicamente, especialmente ao professor Jeová Mendonça, que foi meu orientador de TCC, aos professores Anderson Souza, Alyanne Chacon, Mariana Pérez, Glória Gama, Vinícius Meira, Carmen Sevilla, Barthyra Cabral e Carla Reichmann, que estabeleceram comigo vínculos que vão além da universidade.

Às professoras Juliene Pedrosa e Fabiana Bonfim, que gentilmente aceitaram fazer parte da minha banca avaliadora e que, apesar de não ter tido a oportunidade de cursar disciplinas com elas na graduação ou na pós, encantaram-me na esfera pessoal, mostrando-se seres humanos ímpares, cheios de empatia e solidariedade.

Ao professor José Ferrari Neto, coordenador do Proling, com quem tive a oportunidade de cursar uma disciplina no mestrado e que também me ajudou durante algumas turbulências enfrentadas ao longo do percurso. Minha eterna gratidão!

Aos amigos da UFPB que sempre torceram para que eu realizasse esse sonho e acompanharam de perto essa e outras batalhas e conquistas da minha vida. São eles: a própria Ana Paula (minha esposa), Renata, Shayane, Thiago e Júnior.

Aos colegas de profissão e amigos que também torceram para que eu entrasse no mestrado. Destaco meus gestores Kátia Coutinho, com quem eu trabalhei enquanto estudava para entrar no mestrado e vibrou com minha aprovação, e Alexandre, com quem trabalhei enquanto ainda escrevia essa dissertação. Hoje não trabalho mais com eles, mas o vínculo afetivo e a minha gratidão pelo apoio e torcida serão eternos!

Aos amigos que fiz durante o mestrado, especialmente aos membros do Grupo de Pesquisa em Contato Linguístico, com destaque para Daiane e Anilda, com quem fiquei mais próximo. Vocês são todos muito maravilhosos e me inspiram muito!

Agradeço, enfim, a todos os profissionais, colegas e amigos que torceram por mim durante essa prazerosa – porém árdua – jornada e peço que preparem sua torcida para o próximo desafio da minha vida: o doutorado (risos).

A todos, o meu muito obrigado!

RESUMO

Este trabalho aborda a variação linguística no nível fonético-fonológico, buscando identificar pontos de convergência nos resultados de pesquisas que investigaram a realização do fonema lateral /l/ em posição de coda silábica, tanto no português brasileiro (PB) como no inglês, abordando ambas as línguas no contexto de língua materna (LM) e de língua estrangeira (L2). Embora haja outras variantes, predominantemente encontramos, em coda silábica, a lateral nas formas velarizada e vocalizada. Embasamo-nos em autores como Tarallo (1990), Labov (2008 [1972]) e outros para tratar da Sociolinguística Variacionista; Giles, Coupland e Coupland (1991) e Giles *et al* (2011) para tratar da Teoria da Acomodação; Oppenheim (1992), Cardoso (2015) e outros sobre atitudes linguísticas; Wilkins (1994) e Oliveira (2014) sobre o ensino de inglês como L2. Metodologicamente, analisamos onze pesquisas que investigaram o fenômeno em questão. Os resultados indicaram que fatores tanto linguísticos como sociais atuam na decisão (consciente ou não) do falante por eleger uma variante ou outra no momento de sua fala: o *contexto fonológico precedente* mostrou-se relevante em 10 das 11 pesquisas analisadas; as variáveis *localidade*, *tonicidade* e *tempo de exposição*, embora não tenham sido controladas por todas as pesquisas, mostraram-se relevantes em todas as que as controlaram; já as variáveis *gênero*, *faixa etária*, *posição da coda na palavra*, *contexto fonológico seguinte*, *escolaridade* e *extensão do vocabulário* também se mostraram importantes, pois foram consideradas relevantes na maioria dos estudos que as controlaram. Esses resultados reafirmam a indissociabilidade do par *língua e sociedade*, tendo em vista que as variáveis relevantes para o fenômeno são tanto linguísticas como sociais e reafirmam a importância dos estudos do campo da Sociolinguística e suas ramificações.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; acomodação linguística; atitudes linguísticas; consoante lateral; coda silábica.

ABSTRACT

This study addresses linguistic variation at the phonetic-phonological level, seeking to identify points of convergence in the results of research that investigated the realization of the lateral phoneme /l/ in syllabic coda position, both in Brazilian Portuguese (BP) and in English, addressing both languages in the context of mother tongue (MT) and foreign language (L2). Although there are other variants, we predominantly find, in syllabic coda, the lateral in the velarized and vocalized forms. We draw on authors such as Tarallo (1990), Labov (2008 [1972]) and others to deal with Variationist Sociolinguistics; Giles, Coupland e Coupland (1991) and Giles *et al* (2011) to address the Accommodation Theory; Oppenheim (1992), Cardoso (2015) and others on linguistic attitudes; Wilkins (1994) and Oliveira (2014) on teaching English as L2. Methodologically, we analyzed eleven studies that investigated the phenomenon in question. The results indicated that both linguistic and social factors act in the speaker's decision (conscious or not) to choose one variant or another while they speech: the *preceding phonological context* was relevant in 10 of the 11 studies analyzed; the variables *location*, *tone* and *exposure time*, although they were not controlled by all the researches, proved to be relevant in all those that controlled them; on the other hand, the variables *gender*, *age group*, *position of the coda in the word*, *following phonological context*, *level of education* and *extension of the word* were also important, as they were considered relevant in most of the studies that controlled them. These results reaffirm the inseparability of the pair *language* and *society*, considering that the variables relevant to the phenomenon are both linguistic and social, and reaffirm the importance of studies in the field of Sociolinguistics and its ramifications.

Keywords: Variationist Sociolinguistics; linguistic accommodation; linguistic attitudes; lateral consonant; syllabic coda.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Atuação do contexto fonológico precedente	56
Tabela 2 - Valores da aplicação de /l/ quanto ao contexto fonológico precedente (vogais) ...	59
Tabela 3 - Resultado geral de ocorrências da lateral pós-vocálica	60
Tabela 4 - Variáveis sociais x localidade	67
Tabela 5 - Dimensão de posterioridade-anterioridade x localidade	67
Tabela 6 - Contexto fonológico seguinte (palavra terminada em /l/) x localidade.....	68
Tabela 7 - Tipo de /l/: agrupado, silábico ou coda x localidade	68
Tabela 8 - Idade x localidade.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de consoantes laterais.....	21
Quadro 2 - As variações da lateral no PB	21
Quadro 3 - Perfil dos informantes	40
Quadro 4 - Ordem de importância de cada variável para cada tipo de ocorrência da lateral ..	62
Quadro 5 - Disposição gráfica das pesquisas em análise	76
Quadro 6 - Legenda para os próximos quadros	77
Quadro 7 - Variáveis independentes nas pesquisas que abordam o PB como LM	78
Quadro 8 - Variáveis independentes nas pesquisas que abordam o PB como L2.....	80
Quadro 9 - Variáveis independentes nas pesquisas que abordam o inglês como LM	82
Quadro 10 - Variáveis independentes nas pesquisas que abordam o inglês como L2	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OBJETO DE ESTUDO.....	15
1.1 A CODA SILÁBICA.....	15
1.2 CARACTERIZAÇÃO DO FONEMA LATERAL /l/	18
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	23
2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E A AQUISIÇÃO DE L2.....	24
2.2 O ENSINO DE INGLÊS COMO L2.....	28
2.3 A TEORIA DA ACOMODAÇÃO	31
2.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS	34
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	38
3.1 DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS EM ANÁLISE	38
3.2 ANÁLISE DOS DADOS	46
3.3 CONFRONTAMENTO DE DADOS.....	76
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

Dentre os vários aspectos que diferenciam uma comunidade de outra, a língua é vista como fator identitário de um povo, apresentando variações tanto em níveis mais abrangentes (se pensarmos na realidade entre nações), como em níveis mais locais (dentro da mesma nação, estado, cidade etc.). Dessa forma, no Brasil, é comum encontrarmos formas de falar de uma região, por exemplo, que possivelmente serão de fácil reconhecimento por falantes de outras regiões.

As variações demarcadas acima podem acontecer em diversos níveis (morfológico, sintático etc.) e, neste estudo, abordaremos a variação no nível fonético-fonológico, investigando a variação do fonema lateral /l/ em posição de coda silábica tanto no português brasileiro (doravante PB) como em inglês, tanto na perspectiva de língua materna como de língua estrangeira nos dois idiomas.

Ressaltamos que a variação em questão possui funções diferentes no PB e no inglês. Dessa forma, de modo geral, quando o /l/ ocupa a posição de coda silábica no PB, a variante que o falante utilizar não afetará o significado da palavra. Por outro lado, no inglês, o fone lateral utilizado na coda silábica poderá ser determinante para o entendimento da mensagem que se deseja transmitir, tendo em vista que palavras parônimas, com significados distintos, poderão diferenciar-se exatamente pela pronúncia do /l/ na posição de coda silábica.

Em termos práticos, no PB é indiferente, em termos de significado, a pronúncia da palavra *legal* como *lega[w]* (variante vocalizada) ou como *lega[t]* (variante velarizada), pois ambas as formas são variantes possíveis do fonema lateral e que em nada alteram o sentido da palavra, haja vista o [t] existir no PB mas apenas como alofone¹, não sendo distintivo nesta posição da sílaba.

Porém, no inglês, as palavras *hew* [hju:] (cortar com machado) e *heal* [hi:t] (cicatrizar) diferenciam-se fonologicamente tanto pelo segmento vocálico como pelo fonema final. No entanto, se o [t] de *heal* for vocalizado ([hi:w]), sua pronúncia se aproximará bastante da palavra *hew*, o que pode representar um ruído de comunicação, tendo em vista que os significados das palavras são completamente distintos.

¹ “Dizemos que dois sons são **alofones** (variantes) de um determinado fonema quando sua oposição não implicar na constituição de um par mínimo” (SEARA, NUNES e LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 79, grifo das autoras).

No Brasil, de modo geral, pode-se afirmar que a variante velarizada em posição de coda silábica é pouco recorrente e podemos pensar nela de forma polarizada quando consideramos as regiões Sul e Nordeste, uma vez que no Nordeste prevalece, pressupomos, a variante vocalizada, enquanto a velarizada é praticamente inexistente, sendo bem mais recorrente na região Sul, conforme apontam Pinho e Margotti (2010, p. 80), ao compararem as falas destas duas regiões do Brasil:

Claro que a vocalização é frequente em ambas as regiões. Mas, enquanto o sul é relativamente conversador (há a preservação da lateral sem vocalizar e baixos índices de apagamento), a região nordeste, pelo contrário, inova ao liderar como a área com mais elevadas porcentagens de apagamento e nenhum registro das variantes [l] e [ɫ] (PINHO e MARGOTTI, 2010, p. 80).

Dessa forma, pode-se dizer que, de modo geral, os falantes das variedades encontradas na região Nordeste do Brasil não possuem, em língua materna, a variante velarizada ocupando a posição de coda silábica, devendo ter o cuidado de utilizar esse fonema “alheio” à sua língua materna, quando necessário, no momento da fala em língua inglesa. Esse cuidado parece não ser tão necessário para os falantes das variedades encontradas na região Sul, tendo em vista que a variante velarizada da lateral em coda silábica está presente no vernáculo dos seus falantes, ou seja, em sua fala mais natural.

Assim sendo, este estudo trará abordagens feitas em pesquisas anteriores que investigaram o comportamento do fonema lateral sob quatro perspectivas, quais sejam: a) no PB como língua materna; b) no PB como L2; c) no inglês como língua materna e d) no inglês como L2.

Em termos de português como língua materna, serão revisados trabalhos que tratam de variedades encontradas nas regiões sul e nordeste do Brasil e, da quarta perspectiva elencada acima, surge também a necessidade de fazermos considerações a respeito do ensino de inglês como língua estrangeira.

Sob essa perspectiva e levando em consideração possíveis diferenças entre características fonológicas do inglês e do PB, Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 13) chamam atenção no tocante ao ensino de línguas, asseverando que

[...] é requerido ao profissional da área conhecer não apenas o sistema fonológico da língua materna do aluno, como também o da língua estrangeira que ensina. Comparando esses sistemas sonoros, o professor terá ideia dos problemas que irão surgir em função de diferenças ou semelhanças entre a língua materna e a língua estrangeira (SEARA, NUNES E LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 13).

Justificamos a relevância deste estudo no sentido de ratificar que, como qualquer outro aspecto cultural, a língua se apresenta como fator determinante para a identidade de um povo e que apresenta diferenças dentro de um mesmo sistema linguístico, tal como nas diversas variedades do PB.

Nessa conjectura, das diferenças fonológicas entre sistemas linguísticos distintos emerge a necessidade de adequação do falante à língua em contato em termos fonológicos com vistas à fuga dos ruídos de comunicação. Não havendo essa adequação, a comunicação pode não ser efetivada ou a mensagem pode ser transmitida de maneira diferente, ou até oposta, àquela que se deseja externar.

Dessa forma, o nosso objetivo geral é investigar o comportamento do segmento /l/ em posição de coda silábica no PB e no inglês, tanto em contexto de língua materna como em contexto de língua estrangeira, de acordo com pesquisas anteriores realizadas sobre o tema, buscando identificar pontos de convergência nos resultados de tais pesquisas.

Como serão analisados estudos referentes a quatro “perfis” linguísticos, acredita-se que serão encontradas variáveis diversas que interferem na forma de pronunciar o fonema lateral em coda silábica, mas que haverá algumas variáveis que aparecerão em mais de um dos trabalhos sob análise, senão em todos.

Feitas tais ponderações, esclarecemos que o presente estudo abordará questões relativas à Sociolinguística Variacionista sob um viés mais teórico, em que se analisarão dados presentes em pesquisas anteriores, com os seguintes objetivos específicos:

- apresentar considerações sobre a estrutura coda silábica;
- pesquisar características do fonema lateral;
- realizar estudo bibliográfico sobre a Sociolinguística Variacionista, o ensino de inglês como L2, a Teoria da Acomodação e as atitudes linguísticas;
- analisar e comparar resultados de estudos que trataram sobre a realização do fonema lateral em posição de coda silábica nas perspectivas do PB e do inglês, na visão de ambos como língua materna (LM) e como língua estrangeira (L2).

Diante do exposto, nossa hipótese é de que haverá significativas taxas de vocalização ([w]) e de apagamento ([Ø]) da lateral por falantes brasileiros das variedades encontradas na região Nordeste quando este fonema ocupar a posição de coda silábica no inglês, devendo aparecer poucas ou nenhuma ocorrência da variante velarizada [ɫ]. Em contrapartida, as

variedades da região Sul deverão apresentar certa recorrência da variante velarizada em coda silábica.

Em contexto de PB com L2, dado que a LM dos falantes possui a variante velarizada na posição de coda, espera-se forte presença desta variante quando da fala em PB. Em termos de inglês como LM, espera-se o oposto do PB de modo geral, ou seja, a variante vocalizada e o apagamento até podem aparecer, mas de forma muito tímida, prevalecendo o /l/ velarizado. Tais hipóteses serão confirmadas ou refutadas de acordo com dados coletados em pesquisas anteriores, como mencionado anteriormente.

Apresentamos a seguir a estrutura deste trabalho, que consistirá em três capítulos: no primeiro, teceremos considerações a respeito do objeto de estudo e, para tanto, dividiremos o capítulo em duas partes – uma para tratar da estrutura de coda silábica e outra para tratar do fonema lateral em si; o segundo capítulo, de pressupostos teóricos, tratará das teorias que embasarão a pesquisa e também será subdividido, nas seguintes seções: a Sociolinguística Variacionista e a aquisição de L2, o ensino de inglês como L2, a Teoria da Acomodação e, por fim, uma subseção que tratará das atitudes linguísticas; o terceiro capítulo trará a descrição e análise dos dados, motivo pelo qual será dividido em três seções: na primeira, serão descritas as pesquisas sob análise, identificando itens como os objetivos, *corpora* e variáveis de cada uma delas; na segunda, serão apresentados e comentados os dados encontrados pelos autores, quando já será possível estabelecer uma comparação entre os estudos e, na terceira, os dados serão efetivamente comparados de uma forma mais visual, através de quadros, e buscaremos identificar pontos de convergência, ou seja, as variáveis independentes que foram consideradas relevantes em todos os estudos, ou em grande parte deles.

Dessa forma, avancemos para o primeiro capítulo, em que será apresentado o objeto de estudo da pesquisa em tela.

1 OBJETO DE ESTUDO

Neste capítulo, apresentaremos considerações que julgamos relevantes no que diz respeito ao objeto de estudo, as quais consistem, basicamente, em apresentarmos a estrutura silábica em análise (a coda silábica) e fazermos uma caracterização da lateral.

Dessa forma, o capítulo se dividirá em duas seções: uma com explicações gerais a respeito da coda silábica e outra que tratará das características do fonema lateral, conforme segue.

1.1 A CODA SILÁBICA

Para entendermos o que é a coda silábica, entramos no campo da estrutura silábica. Para tanto, Silva (2012, p. 26) esclarece que “a sílaba é a menor unidade percebida pelo falante”. A autora facilita o entendimento dessa definição com o seguinte exemplo: “note que, quando pedimos a alguém para falar devagar, a pessoa separa a palavra em sílabas (e não em sons individuais)” (p. 26).

A estrutura silábica é referenciada por Selkirk (1982, *apud* HORA, PEDROSA e CARDOSO 2010) como composta por dois níveis. No primeiro nível, estão o *onset* e a rima, e, no segundo nível, a rima se subdivide em núcleo e coda. O *onset* corresponde à parte inicial da sílaba, e pode não ser preenchido foneticamente. O núcleo refere-se à parte mais sonora da sílaba, e sempre é constituído por uma vogal ou *glide*. Já a coda silábica, por sua vez, corresponde à parte final da sílaba e não tem a necessidade de ser foneticamente preenchida, tornando-se a posição mais débil da sílaba em termos de sonoridade.

Santos (2020, p. 44) afirma que “a posição da coda na sílaba, por ser mais frágil que o *onset* e o núcleo, favorece os processos de reestruturação silábica, especialmente no caso da consoante lateral pós vocálica, que só ocorre na posição de coda”. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 97, grifos das autoras) complementam que “quando há apenas uma consoante nessa posição, temos a **coda simples**, quando há duas ou mais consoantes, temos a **coda complexa**”.

Observe que, conforme definições acima, a coda silábica não precisa ser foneticamente preenchida e, mesmo quando o é, refere-se a uma estrutura que favorece uma reestruturação silábica. Essa “vulnerabilidade” (por assim dizer), de certa forma já nos justifica, pelas próprias características da estrutura silábica, uma possível tendência a

transformar a lateral pós-silábica em uma semivogal, que é o foco deste estudo, ou até mesmo uma possível tendência ao apagamento do segmento, como se verá ainda neste estudo.

Ainda em relação à estrutura silábica, Hora, Pedrosa e Cardoso (2010) asseveram que as sílabas internas possuem características diferentes das sílabas finais. Estas, as finais, podem assumir o papel de coda, quando se apaga um segmento ou se prioriza a estrutura CV, ou ainda, o papel de *onset* com núcleo fonético não preenchido, quando mantido o padrão silábico CVC, não muito utilizado na variante brasileira do português (SANTOS, 2020).

Câmara Jr. (2004) afirma que as sílabas que não possuem o segmento C no final são consideradas sílabas abertas e, por outro lado, as sílabas que apresentam fonema consonantal pós-vocálico são consideradas sílabas fechadas ou travadas. Estas definições coincidem com as de Silva (2012, p. 26, grifos da autora), que afirma que “uma sílaba que termina em som de vogal é chamada de **sílaba aberta**. [...] Em oposição a uma sílaba aberta, temos uma sílaba fechada. Quando uma sílaba termina em um som consonantal, esta é denominada **sílaba fechada** ou **sílaba travada**”.

As considerações acima são importantes porque, conforme se verá a seguir, o PB admite apenas as consoantes [s], [r] e [l] em posição de coda silábica, enquanto no inglês há bem menos restrições quanto a consoantes que pode ocupar essa posição. Dessa forma, se uma palavra em inglês terminar com uma sílaba fechada (ou travada) por outra consoante, um falante brasileiro de inglês como L2 poderá compensar a ausência do segmento vocálico inserindo uma vogal que não existe naquela sílaba. Silva (2012, p. 26, grifo da autora) afirma que “esse fenômeno – de inserção de vogal para evitar uma sílaba travada – é denominado **epêntese**”.

Vejamos um exemplo de uma possível epêntese que um falante brasileiro pode realizar no momento da fala em língua inglesa: a palavra *sick* [sik] possui uma sílaba travada, terminando num fonema consonantal possível de aparecer em coda silábica na língua inglesa. Porém, essa palavra pode ser pronunciada por um brasileiro como [siki], tendo em vista que o fonema /k/ não faz parte do seletor grupo de consoantes possíveis de ocupar a coda silábica no PB.

Continuando suas considerações sobre a coda silábica, Santos (2020) afirma que esta ocupa posição de travamento silábico e que isso propicia as consoantes mais sonoras ou até mesmo os *glides*. Em decorrência de sua característica de serem posições silábicas consideradas debilitadas, tanto coda como *onset* são, em sua maioria, estruturas menos sonoras e ocupadas preferencialmente por consoantes hierarquicamente menos proeminentes em relação ao nível de sonoridade (SANTOS, 2020).

Conforme mencionamos há pouco, uma diferença que se pode verificar entre o português e o inglês em relação à coda silábica diz respeito às consoantes que podem ocupar essa posição. Teceremos algumas considerações sobre essas diferenças a seguir.

Conforme aponta Câmara Jr. (2004), as únicas consoantes possíveis de serem encontradas em posição de coda silábica na língua portuguesa são a vibrante /r/, a lateral /l/, o arquifonema² fricativo labial /s/ e o arquifonema nasal /n/. Interessante notar que o som nasal não é considerado por alguns autores como possível de ocorrer em coda silábica, como se pode verificar em Silva (2012, p. 26, grifos da autora), ao afirmar que

No PB, somente as consoantes ‘s, r, l’ ocorrem em final de sílaba. As consoantes nasais **não** são pronunciadas em final de sílaba – embora *ortograficamente* palavras do português terminem em ‘m’ (‘sim, batom’) e as letras ‘m, n’ possam ocorrer em final de sílaba em meio de palavra (‘ponto, pombo’), sem ‘m, n’, nestes casos, serem pronunciados (SILVA, 2012, p. 26, grifos da autora).

Alertamos que, como os sons nasais não são o foco deste estudo, não nos aprofundaremos nessa discussão e, das considerações feitas acima por Câmara Jr. (2004) e Silva (2012), observemos apenas que ambos concordam que a consoante lateral é uma das consoantes possíveis de serem encontradas na posição de coda silábica em língua portuguesa.

Aquino (2018, p. 6) acentua as diferenças quanto à posição de coda no português e no inglês, deixando clara uma menor limitação das consoantes que podem ocupar esta posição silábica em língua inglesa. A autora afirma que

Na posição de coda, em especial, são significativas as diferenças entre português e inglês. No português são permitidas apenas codas simples e duplas compostas por qualquer soante e/ou /S/. No inglês, com a possibilidade de codas com até três elementos (as não sufixadas), as combinações são bastante variadas, permitindo a presença de nasais, obstruintes e plosivas nessa posição (AQUINO, 2018, p. 6).

As ideias apresentadas até então permitem-nos entender que a posição de coda silábica, por suas características estruturais, está de certa forma mais propensa a sofrer alterações sonoras do que as demais partes constituintes da sílaba e esse entendimento, por ora, entendemos como suficiente para a viabilização da análise a que esta pesquisa se propõe, tendo em vista que a vocalização da lateral pós-vocálica está contemplada em tais justificativas.

² “Um arquifonema expressa a perda de contraste fonêmico, ou seja, a neutralização de um ou mais fonemas em um contexto específico” (SILVA, 2002, p.158)

Assim sendo, avancemos para a seção em que se discorrerá sobre as características do fonema lateral para, na sequência, abordarmos os pressupostos teóricos que servirão de base para a análise da pesquisa.

1.2 CARACTERIZAÇÃO DO FONEMA LATERAL /l/

De acordo com Baratieri (2006), os sons laterais fazem parte da classe de fonemas líquidos, que pertencem ao grupo dos sons aproximantes. A explicação para o termo “líquido” é apresentada com base em Câmara Jr. (1977), segundo o qual o termo foi cunhado pelos gregos, levando em consideração que o ar, sempre que encontra uma obstrução, atua como um líquido, que consegue mudar de direção de modo a manter seu fluxo. Já a explicação para o termo “lateral” deve-se ao fato de o ar fluir para fora da boca livremente pelas laterais da língua, ou seja, o topo da língua provoca uma obstrução central e faz com que o ar flua pelas laterais da língua.

As definições acima convergem com o que apregoa Kelly (2000), no que tange à maneira de articulação dos sons laterais. Segundo o autor (2000, p. 6), na articulação do /l/ “é feita uma obstrução parcial pela lâmina da língua contra a crista alveolar. O ar pode, então, fluir pelas laterais da língua [...]”³ (tradução nossa).

De forma semelhante às definições acima, O’Connor (1980, p. 53) assevera que a consoante /l/ do inglês “é formada lateralmente, ou seja, ao invés de o ar passar pelo centro da boca, ele passa pelas laterais de uma obstrução formada no centro”⁴ (tradução nossa).

Em língua inglesa, esse fonema possui as variantes clara e escura, conforme apontado por Johnson e Britain (2003), por exemplo, e com quem concorda Silva (2012, p. 154, grifos da autora), em cujas palavras “há dois tipos de sons de ‘l’ em inglês. Um é denominado l-claro (*clear l*) e o outro é denominado l-escuro (*dark l*)”.

A diferença entre os dois tipos de “l” mencionados acima (l-claro [l] e l-escuro [ɫ]), estaria na posição que a consoante ocupa na palavra. Nesse sentido, Kelly (2000, p. 52) assevera que

O fechamento alveolar com a ponta da língua resulta em um *l claro*, como no segmento *live*. Isso ocorre antes de sons vocálicos. Depois de sons vocálicos, como

³ “A partial closure is made by the blade of the tongue against the alveolar ridge. Air is able to flow around the sides of the tongue [...]” (p. 6).

⁴ “[...] is formed laterally, that is, instead of the breath passing down the centre of the mouth, it passes round the sides of an obstruction set up in the centre” (p. 53).

no vocábulo *pool*), antes de consoantes (como no vocábulo *help*), a parte de trás da língua é elevada em direção ao palato mole, resultando no *l* escuro (um alofone)⁵ (KELLY, 2000 p. 52, tradução nossa).

As definições acima convergem com o que preconiza Silva (2012, p. 155), quando esta autora afirma que “o *l*-claro ocorre em inglês: no início de palavra [...], seguindo *s* em início de palavra [...], no meio de palavra entre vogais [...] ou no meio de palavra precedido de outra consoante na sílaba anterior [...]”.

No que diz respeito ao *l*-escuro /ɫ/, de acordo com a mesma autora (p. 156, grifos da autora), este alofone do fonema lateral “ocorre, tipicamente, em posição **final de sílaba** em inglês”. A autora assevera que

Em algumas variedades do inglês britânico, americano e australiano, o *l*-escuro, quando ocorre em final de sílaba, é pronunciado com *w*. Esse tipo de fenômeno é denominado de *processo de vocalização do “l”*. Assim, uma palavra que é tipicamente pronunciada em inglês com um *l*-escuro em final de sílaba – como *feel* fi:l⁶ –, é pronunciada como fi:w nos dialetos que têm a *vocalização do “l”* (SILVA, 2012, p. 157, grifos da autora).

Conforme visto no excerto acima, as ocorrências do *l* escuro têm apontado para um processo de vocalização da lateral em posição de coda silábica em língua inglesa, embora haja forte predominância da realização do fonema como consoante lateral, conforme se verá no capítulo de análise dos dados desta pesquisa.

No PB, essa vocalização se apresenta como uma variante do fonema lateral em posição de coda silábica, havendo predominância desta forma vocalizada em detrimento das realizações da variante consonantal. Não se pode afirmar, entretanto, que essa predominância ocorre na mesma proporção entre as diversas regiões do Brasil, conforme será visto no decorrer deste estudo.

Sob a perspectiva apresentada acima, Silva (2012, p. 157-158, grifos da autora) faz um panorama comparativo entre a vocalização do *l*-escuro no PB e no inglês. Nas palavras da autora,

⁵ “Alveolar closure with the tip of the tongue gives ‘clear’ *l*, as in *live*. This occurs before vowel sounds. After vowel sounds, (as in *pool*), before consonants (as in *help*), the back of the tongue is raised towards the soft palate, giving ‘dark’ *l* (an allophone)” (KELLY, 2000, p. 52)

⁶ Esclarecemos que temos ciência de que a transcrição deveria estar entre colchetes. Porém, Silva (2012) mantém um padrão em que a transcrição é posta ao lado da palavra sem a separação por colchetes e, por tratar-se de citação direta, optamos por respeitar o texto, trazendo-o aqui tal qual se encontra na obra original. Isso se aplicará às demais ocorrências em que a transcrição não estiver entre colchetes quando se tratar de citação direta.

O PB é uma língua que também apresenta o processo de *vocalização do “l”*. Por essa razão, uma palavra como *mil* é, tipicamente, pronunciada como *miw* no PB. A grande diferença do processo de *vocalização do “l”*, no português e no inglês, é quanto à recorrência. Enquanto, no PB, é mais comum vocalizar o *l* – e pronunciar *mil* *miw* – observamos que, no inglês, é mais comum pronunciar o *l* em final de sílaba, e temos tipicamente *fi:l* *feel* (SILVA, 2012, p. 157-158).

A autora (op. cit.) afirma, ainda, que “o *l*-claro tem as propriedades articulatórias do *l* em início de sílaba no PB” (2012, p. 155) e Quednau (1993, p. 16), também ao fazer considerações sobre a consoante lateral na língua portuguesa, assevera que

Na posição pós-vocálica, essa consoante apresenta-se, em quase todo território de língua portuguesa, como uma variante posicional, isto é, uma variante que depende do ambiente fonético em que o som se encontra. Há, então, nessa posição, uma elevação concomitante do dorso da língua até o véu palatino, o que resulta uma articulação dental velarizada, ou inteiramente velar, pela supressão do movimento da ponta da língua; neste último caso, pode-se dar a vocalização do */l/* em */w/*, com consequente arredondamento dos lábios. Ocorrendo isso, desaparecem oposições como entre *mau* e *mal*, *vil* e *viu* etc. (QUEDNAU, 1993, p. 16).

Além dos alofones claro e escuro, no PB também encontramos a lateral palatal [*ʎ*], que é pronunciada basicamente em segmentos grafados com o dígrafo *lh*. Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011) nos fornecem os seguintes exemplos para diferenciação dos três tipos de lateral encontrados no PB: nas palavras *lata*, *sal* e *telha*, são encontradas, respectivamente: a) a lateral alveolar vozeada ([*l*]ata), a qual é produzida por meio de uma obstrução realizada com a ponta da língua no centro dos alvéolos; b) a lateral velar (vozeada) (sa[*ʎ*]), que é realizada através do bloqueio com o dorso da língua na região central do palato mole (produzida principalmente em algumas regiões do Rio Grande do Sul em posição de coda silábica) e, por fim, c) a lateral palatal (te[*ʎ*]a) (também vozeada), produzida com a parte anterior da língua tocando no centro do palato duro.

Fazendo um panorama que considera as línguas do mundo inteiro, Dickey (1997, *apud* HORA, 2006, p. 31) afirma que “são cinco os pontos de articulação em que as laterais costumam ser produzidas: dental, alveolar, retroflexo, palatal e velar, sendo as laterais aproximantes as únicas que podem ser encontradas em todos os cinco pontos de articulação lateral”. As laterais obstruintes, por sua vez, são distribuídas em quatro tipos, que são produzidas no ponto articulatorio alveolar ou dental: fricativas vozeadas e desvozeadas, e africadas vozeadas e desvozeadas.

Hora (2006, p. 31) afirma que “embora a maior parte das laterais sejam coronais (99,2%), algumas podem se realizar como velares ou laterais complexas alveolar-velares”.

Quanto ao modo de articulação, as laterais são separadas em cinco tipos, que são: aproximantes, fricativas, africadas, flaps e cliques (UPSID, 1992, *apud* HORA, 2006).

O Quadro 1, abaixo, mostra os tipos de consoantes laterais proposto por Dickey (1997, p. 11, *apud* HORA, 2006, p. 31) considerando as línguas do mundo:

Quadro 1 - Tipos de consoantes laterais

Ponto	Modo				
	Dental	Alveolar	Retroflexa	Palatal	Velar
Aproximantes	l	l	ɭ	ʎ	ʟ
Fricativas		ɬ ɮ			
Africadas		tɬ dɮ			

Fonte: Dickey (1997, *apud* HORA, 2006, p. 31).

Ressaltamos que as variações do fonema lateral apresentadas acima correspondem às variações nas diversas línguas do mundo. Em se tratando do PB, Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 59) apresentam, no Quadro 2, as seguintes ocorrências da lateral nesta variedade:

Quadro 2 - As variações da lateral no PB

Consoante	Classificação	Exemplos	Transcrições*
[l]*	Consoante lateral alveolar sonora	lata	[ˈlatə]
[ʎ]	Consoante lateral palatal sonora	palha	[ˈpaʎə]
[ɭ]	Consoante lateral velar sonora	mal	[ˈmaɭ]

Fonte: Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011, p. 59).

É interessante percebermos que, das 9 variações da lateral identificadas por Dickey (1997) no Quadro 1, apenas 3 foram verificadas por Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011) no PB, no Quadro 2. Sobre estas, as autoras afirmam que

A lateral alveolar tem como variante uma consoante velarizada, representada pelo símbolo [ɭ], que pode ser encontrada em coda silábica (mal [ˈmaɭ]) em algumas regiões do Brasil, como em Porto Alegre, por exemplo. No entanto, também pode vocalizar-se em posição final de sílaba, sendo transcrita, nesse caso, como uma semivogal [w] (SEARA, NUNES e LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 59).

O excerto acima sinaliza que a lateral em posição de coda silábica pode ser encontrada em algumas regiões do Brasil, como na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, na forma velarizada. Pesquisas anteriores – como a pesquisa de Quednau (1993) e Collischonn e Quednau (2009) – verificaram que realmente a capital gaúcha apresenta ocorrências da lateral velarizada em posição de coda silábica, ratificando a informação de Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011) no fragmento acima. Entretanto, no que diz respeito ao processo de vocalização da lateral, apesar de o mencionarem, estas autoras (2011) não dão exemplos de regiões do Brasil onde este fenômeno pode acontecer, ou acontecer com maior frequência.

A reflexão acima é feita com foco nas variações do fonema lateral no PB como língua materna e, aqui, vale lembrar que este estudo irá investigar as variações do fonema em posição de coda silábica tanto no PB como no inglês, na perspectiva de ambos tanto em seu papel como LM como em L2.

Seja em língua materna, seja em L2, entendemos a variação como um fenômeno que sofre influência de forças diversas, tanto internas como externas à língua e, assim, inevitavelmente entramos no campo da Sociolinguística Variacionista, cuja presença no processo de aquisição de L2 será abordada ainda neste trabalho.

Dessa forma, avançaremos o estudo para o capítulo em que se discorrerá sobre os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo abordará as teorias que darão suporte à nossa análise. Dessa forma, faremos explicações a respeito de temas como: a grande área do estudo, a Sociolinguística Variacionista, na perspectiva de autores como Labov (2008 [1972]), Tarallo (1990), entre outros; a Teoria da Acomodação, com suporte em autores como Giles, Coupland e Coupland (1991) e Giles *et al* (2011); atitudes linguísticas, sob o olhar de Cardoso (2015), Giles *et al* (2011) e outros; por fim, investigarmos também aspectos referentes ao ensino de inglês como língua estrangeira, com suporte principalmente em Oliveira (2014) e Wilkins (1994).

No tocante ao fonema lateral, ressaltamos que nos valeremos de abordagens feitas em pesquisas anteriores que investigaram o comportamento do fonema lateral sob quatro perspectivas, quais sejam: a) no PB como língua materna; b) no PB como L2; c) no inglês como língua materna e d) no inglês como L2. Dessa quarta perspectiva é que surge a necessidade de fazermos considerações sobre o ensino de inglês como língua estrangeira.

Esclarecemos que, das quatro perspectivas elencadas acima, será analisada uma quantidade relativamente maior de pesquisas, no total de cinco, que abordam o PB como LM, pelo critério de intenção do pesquisador em familiarizar-se com características referentes à sua própria língua materna. Das três outras perspectivas, será analisado um número igual de pesquisas: duas de cada.

No entanto, antes de prosseguirmos, julgamos prudente fazermos algumas distinções entre termos que comumente podem ser vistos como sinônimos ou equivalentes, que são as nomenclaturas *língua estrangeira (LE)* e *segunda língua (L2)*.

Conforme preconiza Ellis (2003), o termo Segunda Língua, ou L2, estaria associado à aquisição de uma língua em contexto real de uso, sem a ocorrência de instrução formal. Já a nomenclatura Língua Estrangeira, a LE, diria respeito à língua obtida em ambiente escolar, por meio de instrução formal. Também é importante ressaltar, conforme atesta Spinassé (2006, p. 6), que

[...] uma segunda língua não é necessariamente uma segunda, no sentido de que haverá uma terceira, uma quarta, e assim por diante. “Segunda” está para “outra que não a primeira (a materna)”, e a ordem de aquisição se torna irrelevante – desde que não se trate de mais uma L1. Dependendo de como a língua foi adquirida, ela pode ser classificada de uma forma ou de outra (SPINASSÉ, 2006, p. 6).

Por julgarmos um termo chave até para o entendimento do quem vem a ser uma segunda língua, também apresentamos uma definição de Língua Materna, proposta por Mues

(1970, *apud* SPINASSÉ, 2006, p. 4, tradução nossa), segundo o qual “a língua materna é a língua que cada pessoa aprende primeiro e que é a base para se tornar humano”⁷.

De forma sucinta e semelhante à definição acima, Crane (2011, p. 202) opta por definir o termo Língua Materna como “aquela que aprendemos no meio em que nascemos, aquela que temos como inata”. Assim sendo, fica claro que a LM é aquela que aprendemos desde os nossos anos iniciais, ainda crianças, enquanto a L2 não tem uma idade ou faixa etária própria para ser aprendida.

Sem nos aprofundarmos muito nas definições e distinções entre os termos mencionados acima (língua estrangeira e L2), esclarecemos que, neste estudo, optamos por eleger o termo L2 para fins de referência ao inglês como língua estrangeira. Da mesma forma, assumiremos os termos Língua Materna e L1 como sinônimos.

Feitos tais esclarecimentos, apresentemos os aspectos teóricos do estudo, iniciando com a principal corrente teórica que embasará a pesquisa, a Sociolinguística Variacionista, associando-a à aquisição de L2.

2.1 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E A AQUISIÇÃO DE L2

De acordo com Silva (2016, p. 47), “a Sociolinguística é a ciência que analisa o comportamento linguístico desde um ponto de vista sociológico. Deste modo, estudos variacionistas têm como premissa básica os fatores sociais e linguísticos [...]”. Os estudos anteriores ao advento da Sociolinguística, no século XX, através das correntes estruturalista e gerativista, cujos principais expoentes foram Saussure e Chomsky, respectivamente, concebiam a língua/a competência linguística como uma estrutura alheia aos fatores sociais, considerando-a um sistema homogêneo e independente do meio externo⁸.

Em consonância com as ideias acima, Coelho *et al* (2010, p. 14) complementam que o estruturalismo e o gerativismo consideravam a língua “como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. É como uma reação a essas duas correntes que a Sociolinguística desponta nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como um de seus maiores expoentes William Labov”.

⁷ “Muttersprache ist die Sprache, die jeder Mensch als erste lernt und die somit die Grundlage seines Menschwerdens ist”.

⁸ Ressaltamos, porém, que isso não significa que Saussure e Chomsky “negligenciaram” o contexto social de uso da língua. Saussure, por exemplo, apenas fez um recorte, optando por estudar a língua enquanto estrutura, mas já ressaltava que haveria “duas linguísticas”: uma para a língua e outra para a fala. Sobre esta segunda, podemos inferir que Saussure já reconhecia que surgiria uma área como a Sociolinguística.

De acordo com Cezário e Votre (2011, p. 141), a Sociolinguística constitui-se em uma área que

[...] estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZARIO e VOTRE, 2011, p. 141).

Esclarecemos, aqui, que as definições trazidas até então referem-se à Sociolinguística em seu sentido mais amplo. Porém, a área possui algumas ramificações, conforme aponta Fragozo (2010, p. 45),

[A Sociolinguística] se subdivide em três áreas: a Etnografia da Comunicação, a Teoria da Variação e a Sociolinguística Interacional. A Etnografia da Comunicação, liderada por Hymes, tem caráter qualitativo e apresenta uma intersecção com a antropologia. A Teoria da Variação foi iniciada por Labov nos anos 60 e possui caráter quantitativo, por lidar com números e análise estatística dos dados coletados [...]. A Sociolinguística Interacional, liderada por Gumperz, estuda o comportamento do indivíduo em situações de comunicação face a face (FRAGOZO, 2010, p. 45).

Ressaltamos que, neste estudo, tomaremos como base a Sociolinguística em seu viés variacionista e, a esse propósito, Lacerda, Cavalcante e Lucena (2020, p. 440) asseveram que “o estudo da variação como característica inerente à natureza da linguagem é a proposta central de Labov”, cuja abordagem ficou conhecida como Sociolinguística Variacionista, ou Sociolinguística Laboviana ou, ainda, Sociolinguística Quantitativa, tendo em vista o fato de operar com números e de fazer tratamento estatístico dos dados coletados.

Com base nas definições acima, entende-se que a Sociolinguística considerará a língua sempre relacionando-a ao seu contexto de uso, ou seja, dando a devida importância ao fator social, como bem sugere a própria nomenclatura da área. E tendo em mente a pluralidade do ser humano, é compreensível que um contexto linguístico apresente formas linguísticas diversas, dado que a língua não é homogênea. Com isso, começamos a ter ideia do que vem a ser a variação linguística.

Nessa perspectiva, Tarallo (1990) define a *variação linguística* como a possibilidade de haver mais de uma maneira de se dizer a mesma coisa, com o mesmo grau de verdade. Dessa forma, durante a fala, o indivíduo faz escolhas, e tais escolhas são baseadas em critérios (TARALLO, 1990). A essas maneiras diversas, dá-se o nome de *variantes*. O conjunto de variantes compõem a *variável*. Outro conceito importante no estudo da variação linguística

diz respeito a *variedade*, que corresponde ao que conhecemos como dialeto, ou a forma de falar de determinada comunidade de fala.

A variação linguística pode acontecer tanto no nível fonético-fonológico como nos níveis morfológico e sintático. Apenas para se ter uma ideia da variação na prática, tomemos como exemplo a frase “*nunca mais nós fomos ao cinema*” (1). Essa frase pode ser refeita sem prejuízos de significado da seguinte forma: “*nunca mais a gente foi ao cinema*” (2). Nessa troca, estão sendo mantidos aspectos formais da língua e sua variante padrão, mas seria também compreensível a seguinte variante: “*nunca mais nós foi no cinema*” (3). Esta oração poderia ser comumente ouvida em um contexto real de comunicação, e passaria a mesma mensagem (em termos de significado) para quem a ouve.

É interessante notar, nos exemplos acima, que as variantes 1, 2 e 3 podem ser utilizadas pelo mesmo indivíduo, que poderá optar por qualquer uma das orações, a depender do contexto comunicativo em que estará inserido, dado que o nosso estilo de fala é adaptável à situação comunicativa, que determinará se nossa fala será mais ou menos monitorada. Assim, entende-se que há variação na perspectiva da língua (por exemplo, o PB), no dialeto (estado da Paraíba), na região (sertão paraibano) e no próprio indivíduo. Sob este prisma, Tarallo (1990, p. 14) afirma que “a língua pode ser um fator extremamente importante na identificação de grupos, em sua configuração, como também uma possível maneira de demarcar diferenças sociais no seio de uma comunidade”.

Alves (2018, p. 34) assevera que

A Sociolinguística tem como um de seus objetivos principais averiguar os mecanismos que regulam o processo de variação, como essa variação interage com os demais elementos presentes no sistema linguístico e da matriz social em que acontece e, posteriormente, como a variação pode acarretar à mudança linguística (ALVES, 2016, p. 34).

No tocante à variação, Tarallo (1990) considera que as variantes envolvidas estão “em batalha” e dispõem de armas para que possam ser escolhidas pelo indivíduo no momento da fala. O autor complementa que os contextos que favorecem uma variante ou outra são chamados fatores condicionadores, os quais fornecerão respostas ao pesquisador sobre quais as variantes mais prováveis de acontecer em certos contextos. Tais condicionadores podem tanto ser internos à língua (linguísticos) como externos à língua (extralinguísticos), tais como classe social, sexo, faixa etária etc.

Conforme mencionado anteriormente, a variação linguística pode se dar nos níveis fonético-fonológico, morfológico e sintático. No caso de Labov, seu estudo inicial tratou de

analisar uma variação no nível fonológico na ilha de Martha's Vineyard, nos Estados Unidos. A variação consistia nas diferentes produções possíveis dos ditongos /ay/ e /aw/, para os quais o autor verificou a existência de três variantes: /ay/ era pronunciado ora como /ay/, ora como /ey/ e ora como /əy/ e, de forma semelhante, /aw/ apresentava as variantes /aw/, /ew/ e /əw/ (LABOV, 2008 [1972]).

Os resultados do estudo de Labov demonstraram que a variação linguística estava acontecendo por influência de fatores externos à língua, ou seja, fatores extralinguísticos: os falantes optavam por uma variante ou por outra de acordo com o seu sentimento de pertencimento àquela comunidade de fala, a ilha de Martha's Vineyard. Quando este sentimento era positivo para o falante, este mantinha o seu estilo linguístico local, divergindo dos sotaques dos turistas.

Em se tratando dos estudos variacionistas no processo de aquisição de L2, Alves (2018) explica que, até o final da década de 1980, estes estudos eram um tanto escassos e enfrentavam grandes desafios, dentre os quais menciona o fato de muitos dos pesquisadores da área considerarem que a variação linguística na produção dos aprendizes resultava de fatores isolados, tais como: a etnia do interlocutor, tempo dedicado ao planejamento do discurso pelo falante, tópico do discurso, automonitoramento do discurso etc.

Para Fragozo (2010), os estudos sobre a Sociolinguística e a aquisição de L2 vêm ganhando espaço por conta da importância verificada dos aspectos sociais na aprendizagem de uma língua estrangeira. Sob essa perspectiva, Young (1999, p. 105, tradução nossa) afirma que “devido ao fato da aquisição e uso ocorrerem em um contexto social, é importante para os pesquisadores de aquisição de segunda língua entender as maneiras em que o contexto social e a aquisição e uso da segunda língua estão relacionados”⁹.

Entende-se, a respeito das ideias mencionadas acima, que a variação linguística ocorre pelos fatores mencionados (etnia, automonitoramento etc.), mas não isoladamente, pois há inúmeras forças atuando sobre o indivíduo no momento da produção da fala. Se tomarmos por base os “fatores isolados” mencionados acima, podemos concluir, por exemplo, que a quantidade de tempo dedicado ao planejamento do discurso pode exercer influência na fala do indivíduo, ao mesmo tempo que o tópico do discurso também o faz, bem como o monitoramento do indivíduo sobre a sua própria fala etc.

⁹ Because acquisition and use occur in a social context, it is important for second language acquisition researchers to understand the ways in which social context and the acquisition and use of a second language are related (YOUNG, 1999, p. 105).

Assim sendo, ao pesquisador da área da Sociolinguística compete a missão de investigar não o fator único, mas quais os diferentes fatores que exercem influência no aprendiz e condicionam a variação na sua fala (BAYLEY, 2007). Neste estudo, consideramos que essa afirmação se aplica tanto para LM como para L2.

Nesse sentido, e com foco no aprendiz de língua estrangeira, Fragozo (2010, p. 48) considera que “além de observarem-se os fatores linguísticos e psicolinguísticos comuns à pesquisa em aquisição de LE, incluem-se também fatores extralinguísticos que podem influenciar o processo de aprendizagem, como idade, sexo e vivência em país falante da língua alvo”.

Bayley (2007) aponta, ainda, algumas contribuições da pesquisa Sociolinguística para os estudos em aquisição de L2, dentre as quais destacamos: o fornecimento de uma visão mais realista de como funciona a língua-alvo; a oferta de uma maneira empírica de estudar os efeitos resultantes das transferências linguísticas frente a uma alta gama de variáveis; a visão de que a forma como o aprendiz usa os processos de variação pode revelar uma identidade linguística etc.

Feitas tais considerações a respeito da interface Sociolinguística – aquisição de L2, abordaremos, na seção a seguir, aspectos referentes ao ensino de inglês como L2.

2.2 O ENSINO DE INGLÊS COMO L2

Em se tratando do ensino de inglês como L2, ou seja, o ensino da língua para falantes não nativos, Jenkins (2000, *apud* ALVES, 2018) aponta que esse processo se iniciou no final do século XV com finalidades diversas, dentre as quais são mencionadas finalidades comerciais, imigratórias etc.

Uma questão que muito aflige os aprendizes de uma língua estrangeira, independentemente da finalidade do aprendiz (se comercial, imigratória etc.), é a preocupação em aproximar-se da forma de falar de um falante nativo. Nessa perspectiva, e comparando o processo de aquisição de L2 com o de L1, Hahn (2010, p. 16, grifo nosso) afirma que “aprendizes adultos de uma segunda língua raramente alcançam a mesma **competência nativa** que uma criança alcança aprendendo sua primeira língua e, de modo oposto, crianças nunca vivenciam o grau de dificuldade que aprendizes de L2 vivenciam”.

Essas considerações alimentam o mito que leva o mesmo nome: o mito do falante nativo, segundo o qual todos os aprendizes de uma língua estrangeira devem procurar aproximar-se ao máximo da fala de um nativo. Entretanto, esse mito traz consigo alguns

problemas. Primeiro, porque ele não considera o aspecto comunicativo da língua. Ora, a Sociolinguística aborda a língua como veículo de comunicação. Dessa forma, o importante é que se estabeleça a comunicação entre os falantes, não que a fala do estrangeiro procure se igualar à forma de falar de um nativo. Segundo, a própria definição de falante nativo é problemática, conforme observa Cook (1999, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 45, grifo do autor):

O elemento incontestável na definição de *falante nativo* é que uma pessoa é um falante nativo da língua que aprendeu primeiro; as outras características são incidentais, descrevendo quão bem um indivíduo usa a língua. Alguém que não aprendeu uma determinada língua na infância não pode ser um falante nativo dessa língua. Línguas aprendidas mais tarde nunca podem ser línguas nativas por definição (COOK, 1999, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 45, grifo do autor).

As considerações acima afloram as discussões que têm transformado o ensino de línguas em sala de aula e que fizeram surgir diversos métodos e/ou abordagens de ensino. Os conceitos de método e de abordagem são fundamentais para o entendimento do ensino de língua por parte de um professor ou instituição e elucidaremos tais conceitos a seguir. Entretanto, não nos aprofundaremos nessa temática nesta pesquisa.

Para Richards e Rodgers (1994, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 66), o método corresponde ao “conjunto de princípios teóricos, princípios organizacionais e ações práticas que norteiam a estruturação de um curso, o planejamento das aulas, a avaliação da aprendizagem e a escolha de materiais didáticos.” Os autores consideram o método como composto de três partes: a abordagem, o *design* e o procedimento. A abordagem corresponde ao suporte teórico do método e é composta por uma teoria de língua e por uma teoria de aprendizagem. A abordagem é, portanto, parte do método. Sobre o *design*, o autor o define como o delineamento do curso ou da disciplina, o que se fala normalmente como plano ou programa da disciplina e, por fim, o procedimento corresponde às ações práticas que fazem o *design* se realizar (OLIVEIRA, 2014).

Fazendo relação com os diversos métodos e/ou abordagens de ensino, Jenkins (2000, *apud* ALVES, 2018) destaca mudanças nas atitudes pedagógicas de forma que não seja necessário que o aprendiz de inglês como L2¹⁰ precise carregar toda bagagem da referida língua, visto a intangibilidade dessa tarefa para grande parte dos casos. O que podemos entender que ocorre, então, é a aplicação das próprias normas culturais dos aprendizes, encorajando aqueles com níveis mais avançados a desenvolverem uma competência

¹⁰ Apesar de ser feita referência apenas ao aprendiz de inglês como L2, acreditamos que esse pressuposto se aplique ao aprendiz de qualquer língua estrangeira.

intercultural, que pode ser alcançada mediante uma exposição diversificada de culturas da língua (KRAMSCH, 1993, *apud* ALVES, 2018).

Uma vez considerando a diversidade de culturas e tendo em vista que a língua é fator identitário de um povo, entende-se que há características fonológicas de uma língua que, quando ensinada como L2, muitas vezes não são consideradas, ou não são vistas com a devida importância por parte do próprio aprendiz. Um exemplo que pode ser dado é o do fonema lateral que, em algumas variedades do PB, não possui a ocorrência [ɬ]. O aprendiz que não esteja familiarizado com essa variação em sua língua materna poderá apresentar resistência, consciente ou não e por razões diversas, em utilizar o alofone [ɬ], ainda que este seja indispensável na língua-alvo. Sob esta perspectiva, Alves (2018) assevera que fazer o aluno refletir acerca de diferenças existentes entre a L1 e a L2 resulta em vantagens, com fins de reconhecer que os padrões linguísticos não são universais. A autora afirma que esta tarefa é, muitas vezes, negligenciada no ensino de L2 no Brasil.

Embora tenhamos afirmado nesta seção que não nos aprofundaríamos na temática dos diversos métodos e/ou abordagens de ensino de língua estrangeira, urge destacarmos que prezamos, neste estudo, pelo ensino de línguas por meio da abordagem comunicativa, que, de acordo com Oliveira (2014), surgiu como resultado de reflexões e questionamentos a respeito de como vinham sendo ensinadas as línguas estrangeiras nas décadas de 1960 e 1970.

O autor aponta David Wilkins como um dos principais expoentes para o advento da abordagem comunicativa, pois Wilkins (1994) teceu várias críticas ao ensino de línguas estrangeiras até a década de 1970, dentre as quais destacamos a crítica ao *syllabus* gramatical até então adotado, o que não ajudava o estudante no desenvolvimento de uma competência comunicativa. Oliveira (2014) considera que o ensino focado nas estruturas gramaticais e no vocabulário, abstraindo aspectos contextuais de adequação sociolinguística e de produção de significados, de fato não contribui para o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes para que sejam capazes de realizar atos linguísticos mais complexos.

Credita-se a Wilkins (1994) a percepção de quão importante é entender a necessidade comunicativa dos estudantes, o que norteará a proposta metodológica do ensino de línguas estrangeiras que se deseje oferecer. Em termos práticos e nas palavras de Oliveira (2014, p. 150), “no caso do Brasil, se um professor não sabe quais são as necessidades dos estudantes, se não sabe com que objetivo os estudantes estudam inglês, não terá ciência do que incluir e do que não incluir no *syllabus* do curso e de como trabalhar esse conteúdo”.

Pelo exposto até o momento acerca do ensino de línguas estrangeiras, percebe-se que, até a década de 1970, prezava-se pelo ensino com foco na língua e suas estruturas gramaticais,

remetendo-nos às ideias saussurianas da língua como estrutura, desconsiderando o fator social e a necessidade de comunicação entre os indivíduos.

De acordo com Oliveira (2014, p. 151-154),

Pensar no ensino de línguas com propósitos comunicativos tem três implicações pedagógicas importantes.

A primeira é o entendimento funcional das estruturas gramaticais, que passam a ser vistas como meios de o usuário da língua atingir seus objetivos discursivos. [...] A gramática é um meio importante, mas apenas um meio, para atingir fins comunicativos.

[...]

A segunda [...] é o entendimento de que a língua é interação social. [...] Por isso, o professor precisa ajudar seus alunos a se conscientizarem da importância de adequar seus enunciados à situação em que se encontram e às posições sociais ocupadas pelos seus interlocutores no momento da interação.

[...]

A terceira implicação [...] é o cuidado que o professor deve ter com relação aos tipos de atividades que escolhe para seus alunos realizarem em sala de aula (OLIVEIRA, 2014, p. 151-154).

Em relação à terceira implicação pedagógica de pensar o ensino de línguas com propósito comunicativo, conforme destacado acima, frisa-se que as atividades escolhidas para a realização em sala de aula devem prezar pela base na fluência, não negligenciando as atividades de precisão na língua. A fluência diz respeito às tentativas de se expressar na língua-alvo, enquanto a precisão se fará imprescindível para a comunicação escrita (OLIVEIRA, 2014).

Explanadas questões sobre a Sociolinguística e o ensino de inglês como L2, passemos, a seguir, para a explanação da teoria da acomodação, que muito nos dirá a respeito de pressões sociais que os indivíduos exercem e sofrem quando da necessidade de interação com outras variedades linguísticas diferentes da sua. Entendemos, neste estudo, que a teoria da acomodação é capaz de explicar, em grande parte, as variações na fala de um indivíduo a depender do contexto em que este se encontre.

2.3 A TEORIA DA ACOMODAÇÃO

De acordo com Lacerda, Cavalcante e Lucena (2020), a Teoria da Acomodação da Fala foi desenvolvida pelo psicólogo social Howard Giles e surgiu com base em questões sociopsicológicas (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991). Segundo Giles *et al* (2011), esta teoria se centrava no fato de os indivíduos, em uma dada situação comunicativa, costumarem modificar seus padrões de fala para atingirem certos objetivos.

Silva (2016) aponta que a Teoria da Acomodação procura compreender de que forma usuários de uma língua, quando em situação de interação verbal, alteram, de maneira estratégica (conscientemente ou não), seus códigos, registros e estilos linguísticos de modo a se adaptarem às necessidades conversacionais, linguísticas, sociais e culturais da situação comunicativa em estão inseridos.

Conforme visto anteriormente, na seção em que discorreremos sobre a Sociolinguística Variacionista, diversos são os motivos que podem levar o indivíduo a optar por uma maneira de falar, em detrimento de outra. Alvarez (2019, p. 132) reflete sobre algumas situações que podem ocasionar a mudança na fala do indivíduo, considerando situações de contato dialetal. De acordo com a autora,

As línguas refletem valores e visões de mundo de indivíduos e de grupos em relação a elas próprias e a seus usuários e, ao entrarem em contato com outras línguas, tais valores acabam por criar uma relação de poder entre a língua de maior prestígio, que detém o poder político, cultural e econômico da comunidade, e a língua de menor prestígio, reservada para situações mais específicas (ALVAREZ, 2019, p. 132).

Dessa forma, a Teoria da Acomodação, inicialmente chamada de *Speech Accomodation Theory*, “tinha como objetivo entender as interações verbais a partir das influências das relações interpessoais e de intergrupos (COUPLAND & GILES, 1988, *apud* SILVA, 2016, p. 44).

Nesse primeiro momento, conforme sugere o próprio nome, a análise da teoria recaía sobre os aspectos referentes à fala, ou seja, à comunicação verbal. Posteriormente, a nomenclatura da teoria foi modificada para Teoria da Acomodação da Comunicação, quando passou, conforme asseveram Giles *et al* (2011), a reconhecer que além das características da fala, há outros fatores que também desempenham papel importante nos processos dos ajustes comunicativos. Assim, a teoria passou a contemplar, por exemplo, os fatores não-verbais da comunicação.

Sob essa perspectiva, Swingler (2016) afirma que, mais recentemente, a Teoria da Acomodação, doravante TA, tem discutido a relevância dos fatores sociais, levando em consideração a sua influência na decisão do falante de convergir ou divergir com o seu ouvinte. Aqui, destacamos estes dois conceitos-chave no que tange à TA: convergência e divergência.

De acordo com Giles *et al* (1973, *apud* SILVA, 2016), a convergência de fala ocorre quando o falante procura aprovação do interlocutor, adaptando o seu sotaque como forma de reduzir as dessemelhanças fônicas que percebe haver entre ambos. O processo de

convergência linguística ocorre de acordo com as dinâmicas da interação verbal entre os interlocutores, de modo que aspectos tanto linguísticos como extralinguísticos são determinantes na mudança do modo de falar de um deles.

Giles (op. cit.) afirma, ainda, que a convergência linguística não implica necessariamente uma mudança, pelo falante, de todos os aspectos disponíveis de sua fala para assemelhar-se ou aproximar-se do dialeto em contato, tampouco significa que o processo de acomodação linguística é inacabado e fragmentado, ou ainda que o fenômeno de divergência não possa fazer parte desse processo. Convergência, divergência e manutenção podem alternar-se em uma mesma situação comunicativa, como explanaremos em seguida após abordarmos a divergência e a manutenção em separado.

Se, por um lado, a convergência é uma estratégia do falante para tentar reduzir as dessemelhanças linguísticas e comunicativas que percebe entre ele e seu interlocutor, a divergência, por outro lado, refere-se ao aumento dessas dessemelhanças (GILES; COUPLAND; COUPLAND, 1991; GARRETT, 2010). Em consonância com tais definições, Giles *et al* (1973 *apud* SILVA, 2016, p. 46) reverberam que

[...] no fenômeno de acomodação linguística, a divergência aumenta as dissimilaridades entre os falantes quando um falante enfatiza as mudanças fônicas e prosódicas, com o objetivo de dissociar-se do seu interlocutor. Em muitos casos, a divergência linguística funciona como um instrumento de recrudescimento identitário, na qual o sujeito marca linguisticamente sua origem. (GILES *et al*, 1973 *apud* SILVA, 2016, p. 46)

Entendemos que a divergência, portanto, corresponde à principal estratégia pela qual o usuário demonstra que a sua identidade precisa ser preservada numa situação de comunicação. Fica claro, de certa forma, que o falante percebe as diferenças entre os dialetos, mas que na convergência ele se sente pressionado, seja por qual motivo for, a mudar a sua própria forma de se expressar, enquanto que na divergência ele tem a consciência de que a diferença linguística não deve ser fator que determine a sucumbência do seu próprio dialeto.

Um terceiro conceito que permeia as estratégias de convergência e divergência é a manutenção, que corresponde a um estado neutro, ou seja, o falante não converge e tampouco diverge no seu padrão de discurso em suas interações (GARRETT, 2010). Entendemos que, pela manutenção, o falante adota uma postura mais equânime no que tange ao julgamento dos dialetos, não parecendo fazer julgamentos que pudessem classificar um dialeto como superior ao outro ou não vendo necessidade de reforçar sua identidade através da linguagem.

Tais estratégias (convergência, divergência e manutenção) podem ocorrer em diversos aspectos ao mesmo tempo, ou seja, não são estratégias mutuamente excludentes e podem alternar-se em uma mesma situação comunicativa, envolvendo os mesmos interlocutores, focando em um único objetivo social – estratégia chamada de *mixed accommodations* (SWINGLER, 2016).

Sobre as estratégias mencionadas acima, Swingler (op. cit.) assevera que a proposta de Giles era a de que os falantes se valem da convergência quando o objetivo é ganhar aprovação social, ao passo que recorrem à divergência quando procuram dissociar-se, resultando em um distanciamento social por meio da língua.

Assim, percebe-se que o usuário dispõe de diversas estratégias para adaptar a sua fala à situação comunicativa em que se encontra e, neste íterim, a TA considera a atitude do falante tanto em relação à sua comunidade de fala quanto em relação ao interlocutor. Iremos nos aprofundar em questões de atitudes linguísticas na próxima seção.

Essa adaptação da fala implica em situações nas quais pode haver mudança na nossa maneira de nos comunicar, o que Francês Junior (2014) postula como atitude linguística, e que pode ser considerada como uma forma de externamos nossas crenças. É por esse motivo que as pesquisas acerca da teoria da acomodação abordam, também, aspectos teóricos relacionados às crenças e atitudes linguísticas. Nesta seara, podemos citar as pesquisas de Silva (2016), Swingler (2016) e Lacerda, Cavalcante e Lucena (2020), que trataram da teoria da acomodação pelo viés das crenças e atitudes linguísticas.

Feitas tais considerações, julgamos pertinente um maior aprofundamento acerca do tema “atitudes linguísticas”, visto que elas representam fator de grande relevância nos estudos referentes à teoria da acomodação. O tema será, então, abordado na seção que segue.

2.4 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Frequentemente, encontram-se os termos “crenças” e “atitudes” associados nos estudos em Sociolinguística. Podemos mencionar os trabalhos de Alvarez (2019), Silva (2019), Lacerda, Cavalcante e Lucena (2020), dentre outros.

Nesse sentido, Silva (2019, p. 109) afirma que

O interesse pelas Crenças e Atitudes, surgido inicialmente na Psicologia Social, tem fundamentado trabalhos nas áreas da linguagem, pois permite averiguar, em menor ou maior grau, de que forma os sentimentos e as percepções dos falantes, ou dos grupos sociais, intervêm na escolha de uma língua, de uma modalidade ou mesmo do repertório vocabular. Além disso, no campo da Sociolinguística, auxilia na

investigação dos mecanismos de troca e de difusão dialetal, além de auxiliar na compreensão sobre o comportamento do falante frente a sua própria modalidade linguística ou em contraste com a do outro (SILVA, 2019, p. 109).

Analisando os termos em separado, López Morales (1993, *apud* SILVA e AGUILLERA, 2014, p. 714) considera que “a atitude constitui-se, sobretudo, pelo traço comportamental, por condutas que podem ser positivas ou negativas, e as crenças, por sua vez, são formadas por elementos cognitivos e/ou afetivos”. As crenças são responsáveis por determinar o comportamento das pessoas, uma vez que são as crenças que detêm os valores, os julgamentos, as opiniões que um indivíduo tem sobre os outros, sobre o mundo e inclusive sobre si mesmo (BOTASSINI, 2013, *apud* SILVA e AGUILLERA, 2014). Percebemos, então, uma relação de desencadeamento entre as crenças e as atitudes.

Em relação à atitude, Thurtone (1928, p. 20-21, *apud* CARDOSO, 2015, p. 16) apregoa que “atitude é o afeto a favor ou contra um objeto psicológico”. Cardoso (2015) esclarece o afeto como uma aversão (afeto negativo) ou aceitação (afeto positivo) e sugere que o objeto psicológico em questão pode ser representado por uma ideia, uma forma de conduta, um princípio moral, um símbolo etc. Destacamos, aqui, que a língua pode ocupar esse lugar de objeto psicológico, incluindo suas ramificações em dialetos.

Sem utilizar a expressão “objeto psicológico”, mas com ideias semelhantes às apresentadas acima, Lambert e Lambert (1975, p. 100) definem que “uma atitude é uma maneira de pensar, sentir e reagir a pessoas, grupos, problemas sociais ou, de modo geral, a qualquer acontecimento no ambiente”. Novamente, enquadramos a língua como objeto ao qual o falante reagirá no meio social. Estes autores consideram a atitude como tripartida. Para eles, “os componentes essenciais de atitude são pensamentos e crenças, sentimentos e emoções bem como tendências para reagir” (LAMBERT e LAMBERT, 1975, p. 100).

Dessa forma, fica claro que a atitude influencia na nossa fala. A perspectiva de atitude na concepção de tríade é adotada por diversos autores. Além de Lambert e Lambert (1975), conforme acima, Oppenheim (1992) considera que a interferência da atitude na nossa fala ocorre sob ação dos componentes cognitivo, emocional e de tendência de ação. O autor afirma que “atitudes são reforçadas por *crenças* (componente cognitivo) e frequentemente atraem fortes *sentimentos* (componente emocional) que podem levar a certas *intenções*

comportamentais (componente da tendência de ação)”¹¹ (OPPENHEIM, 1992, p. 175, grifos do autor, tradução nossa).

Quando falamos em atitude linguística, estamos também falando de identidade linguística, que de acordo com Silva (2019, p. 104), “evidencia a representação discursiva de um falante como pertencente a uma comunidade de fala, ao universo coletivo de uso de uma modalidade dialetal”. É por esse motivo, por exemplo, que muitos falantes, quando possuem atitude negativa frente ao eu próprio dialeto e se veem em situação de contato dialetal, acabam convergindo sua fala à do seu interlocutor. Pesquisas como a de Silva (2016) deixam isso muito evidente.

As ideias apresentadas até então demonstram que a nossa atitude frente à língua pode acarretar mudanças na nossa maneira de nos comunicar. Nesse contexto de mudança (e, portanto, de variação), alguns processos são identificados por Labov (2008 [1972], p. 19), conforme se pode verificar no excerto a seguir:

Essas variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo (LABOV, 2008 [1972], p. 19).

Mais uma vez, constatamos uma relação entre a atitude do indivíduo e o seu desempenho na língua, motivo pelo qual os estudos em atitudes linguísticas, de forma recorrente, permeiam as pesquisas que tratam de acomodação.

De forma resumida, podemos assim associar aspectos de atitudes linguísticas à acomodação da fala, conforme refletem Lacerda, Cavalcante e Lucena (2020): em uma situação comunicativa em que se verifique atitude de rejeição ao dialeto em contato, o falante poderá dele divergir durante boa parte do tempo ou em contextos específicos. Por outro lado, se na situação comunicativa prevalecer atitude de convergência com a variedade em contato, o falante tenderá a buscar assemelhar-se da forma de falar do seu interlocutor, tentando manter uma comunicação mais próxima. Há, ainda, a possibilidade de manutenção do dialeto, quando o falante não se preocupará em convergir ou divergir de forma mais acentuada, mesmo quando as variedades puderem causar estranhamento ao “se enfrentarem” em um contexto real de comunicação.

¹¹ “[...] attitudes are reinforced by *beliefs* (the cognitive component) and often attracts strong *feelings* (the emotional component) which may lead to particular behavioural *intents* (the action tendency component).

O estranhamento demarcado acima pode ser motivo de intolerância por parte de um dos falantes, por ter de lidar com características linguísticas alheias às suas, o que poderá resultar em situações de preconceito linguístico, tema bastante recorrente quando se trata de dialetos em contato, mas sobre o qual não nos aprofundaremos neste estudo.

Julgamos que as considerações feitas até o momento são suficientes para o alinhamento entre atitudes linguísticas e a Teoria da Acomodação. Assim sendo, passaremos, agora, para o capítulo em que serão feitas a descrição e a análise dos dados.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Levando em consideração que o “*corpus*” deste estudo são pesquisas anteriores que versam sobre o comportamento da lateral, esta seção será dividida em três subseções: na primeira, serão apresentados aspectos gerais das pesquisas selecionadas para análise, tais como objetivos, *corpora* e variáveis; na segunda, serão apresentados e comentados os dados encontrados pelos autores, quando já será possível estabelecer uma certa comparação entre os estudos e, na terceira, os dados serão efetivamente comparados de uma forma mais visual, através de quadros, e faremos um cruzamento dos resultados obtidos em cada uma destas pesquisas, com fins de localizarmos pontos de convergência no entendimento dos autores a respeito das variáveis que interferem no fenômeno da vocalização ou velarização do fonema lateral.

Dessa forma, as pesquisas apresentadas a seguir analisaram o comportamento da lateral sob quatro perspectivas: análise do fenômeno no PB como língua materna; análise do fenômeno em outras variedades do português em contato com o PB (PB como L2); pesquisas que investigaram o fenômeno no inglês como língua materna e, por fim, análise no inglês como L2 por falantes brasileiros.

3.1 DESCRIÇÃO DAS PESQUISAS EM ANÁLISE

Nesta subseção, inicialmente, mencionaremos a quais pesquisas recorreremos que tratam da realização da consoante lateral em posição de coda silábica, destacando os seguintes aspectos de cada uma das pesquisas: objetivo, *corpora* e variáveis. Os resultados de cada uma delas serão oportunamente discutidos ainda em nossa análise (nas duas próximas seções), quando faremos um cruzamento de resultados em busca de um denominador comum.

O primeiro estudo que analisamos foi o de Quednau (1993), em cuja dissertação de mestrado apresenta uma análise da realização do fonema lateral /l/ pós-vocálico sob uma perspectiva variacionista. Nesses termos, a autora investiga se o fonema é produzido com a variante velarizada ou com a vocalizada e quais variáveis, linguísticas e extralinguísticas, podem interferir na variação dessa produção.

O objetivo da sua pesquisa é o de “estabelecer as variantes da lateral em posição pós-vocálica e verificar o predomínio de uma em relação à outra no português gaúcho” (QUEDNAU, 1993, p. 13). No caso, a investigação se dá sobre o PB como língua materna e a autora menciona que seu estudo faz parte de um projeto maior, de título “Variações

Linguísticas no Sul do País”, o VARSUL, de cujo *corpus* foram extraídos os dados para sua pesquisa.

Assim, o recorte utilizado pela autora, dentro do PB, foi representado por falantes do estado do Rio Grande do Sul, especificamente das seguintes localidades: Porto Alegre, capital do estado; Taquara, cidade de colonização alemã; Monte Bérico, distrito de Veranópolis, de colonização italiana; Santana do livramento, cidade localizada na região fronteira com o Uruguai. Foram entrevistados 15 (quinze) falantes de cada uma dessas regiões, perfazendo um total de 60 (sessenta) informantes, e os dados foram processados no programa computacional IVARB.

Como variáveis a serem analisadas, a autora definiu as seguintes: 1) variável dependente: vocalização da lateral; 2) variáveis independentes: a) extralinguísticas: grupo étnico; sexo; faixa etária; b) variáveis linguísticas: acento; contexto fonológico precedente; contexto fonológico seguinte; posição da lateral; sândi.

O segundo estudo selecionado para análise foi o de Collischonn e Quednau (2009), que também investigaram a realização da consoante lateral na região sul do Brasil (PB como LM), abrangendo outras localidades do sul, não contempladas em pesquisas anteriores, que são: Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC) e São José do Norte (RS). O *corpus* do trabalho também advém do projeto VARSUL, mencionado anteriormente.

O objetivo das autoras é expandir a visão que se tem da realização do /l/ na região sul do Brasil. Dessa forma, suas análises podem ser entendidas como complementares às análises de Quednau (1993). Seu trabalho é dividido em duas partes: na primeira, as autoras fazem uma revisão dos estudos já realizados acerca da variação da lateral /l/ pós-vocálica no PB, considerando os dados coletados no projeto VARSUL; na segunda parte, as autoras apresentam os dados coletados no estudo das localidades que mencionamos no parágrafo anterior.

A amostra do estudo para as localidades mencionadas acima foi de 72 (setenta e dois) informantes, distribuídos da seguinte forma: 8 (oito) falantes das cidades paranaenses de Londrina, Pato Branco e Curitiba, e 16 falantes das cidades de Irati (PR), Lages (SC) e São José do Norte (RS). As variáveis utilizadas pelas autoras foram: 1) variáveis extralinguísticas: a) localidade; b) sexo; c) idade e d) escolaridade; 2) variáveis linguísticas: a) contexto precedente; b) contexto seguinte; c) acento; d) posição do segmento-alvo e e) classe de palavra.

O terceiro estudo considerado é de autoria de Pinho e Margotti (2010). Os autores investigaram, de forma diatópica e diastrática, a variação da lateral em posição pós-vocálica, cuja amostra abrangeu falantes de todas as capitais brasileiras, com base nos dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil, doravante ALiB¹².

Dada a numerosa quantidade de dados do ALiB, Pinho e Margotti (2010) fizeram um recorte utilizando as entrevistas feitas nas capitais, reduzindo o número de 1100 para 200 entrevistas, correspondendo a oito entrevistados por capital, distribuídos conforme ilustra o Quadro 3, a seguir, que mostra as variáveis extralinguísticas controladas, além da região geográfica: sexo, idade e escolaridade.

Quadro 3 - Perfil dos informantes

Informante	Sexo	Idade	Escolaridade
1	Homem	18 a 30 anos	até 7ª série
2	Mulher	18 a 30 anos	até 7ª série
3	Homem	50 a 65 anos	até 7ª série
4	Mulher	50 a 65 anos	até 7ª série
5	Homem	18 a 30 anos	ensino superior
6	Mulher	18 a 30 anos	ensino superior
7	Homem	50 a 65 anos	ensino superior
8	Mulher	50 a 65 anos	ensino superior

Fonte: Pinho e Margotti (2010, p. 76).

Em relação às variáveis linguísticas controladas, os autores comentam e analisam a relevância apenas do contexto fonológico precedente, embora tenham reconhecido que fatores linguísticos diversos influenciam no processo.

O quarto estudo consultado é de autoria de Moura (2009), que investigou o comportamento do fonema lateral pós-vocálico em posição de coda silábica na variedade do PB falado em Tocantins, região nordeste do Brasil.

O objetivo do autor, mediante correlação entre as variáveis sociais e estruturais, foi o de verificar quais as variantes da lateral em coda silábica que ocorrem no falar de Araguatins, cidade tocantinense, buscando determinar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam o fenômeno da variação, além de investigar se o referido fenômeno caracteriza-se como variação estável ou mudança linguística em progresso.

¹² Iniciado em 1996, [...] o ALiB é um projeto de abrangência nacional, no qual estão envolvidos pesquisadores de várias universidades brasileiras, sob a direção geral de Suzana Alice Cardoso. (PINHO e MARGOTTI, 2010, p. 76)

O *corpus* do estudo de Moura (2009) corresponde a entrevistas realizadas na cidade de Araguares-TO, que são parte integrante do projeto VALTINS (Variação Linguística do Tocantins) que, de acordo com a autora, refere-se a um projeto

[...] que engloba várias pesquisas sociolinguísticas e que visa descrever as variantes linguísticas utilizadas pela comunidade tocantinense, no que tange aos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e [...] fonológicos. Além de Araguares, outras duas cidades foram utilizadas para a composição do *corpus* do projeto VALTINS: Parã [...] e Porto Nacional [...] (MOURA, 2009, p. 49).

A amostragem utilizada na pesquisa de Moura (2009) formou-se por meio de amostra seletiva aleatória, sendo composta de 36 informantes da cidade de Araguares, os quais foram estratificados de acordo com o sexo (18 informantes do sexo masculino e 18 do sexo feminino), a faixa etária (15-25, 26-49 e acima de 49 anos) e os anos de escolarização (1-5, 6-9 e 10 anos ou mais). Os dados, extraídos de entrevistas que duraram cerca de uma hora, foram tratados estatisticamente pelo programa Goldvarb 2001, que o autor afirma servir “para medir o efeito simultâneo da variável dependente com as variáveis independentes” (MOURA, 2009, p. 63).

O autor dividiu as variáveis utilizadas em dois grupos: 1) variável dependente: referente à consoante lateral pós-vocálica /l/ em posição de coda silábica, que pode apresentar, conforme aponta o autor, as variantes velarizada [ɭ], semivocalizada [w], aspirada [h] e o zero fonético ou apagamento [Ø]; e 2) variáveis independentes, subdivididas em: a) variáveis linguísticas: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, extensão do vocábulo, posição da lateral e tonicidade; b) variáveis extralinguísticas (sociais): sexo, ano de escolarização e faixa etária.

O quinto estudo considerado em nossa análise é o de Hora (2006), que investigou o comportamento variável da consoante lateral /l/ em posição de coda silábica na comunidade de fala de João Pessoa, Paraíba. O autor indica que sua análise se deu sobre o *corpus* do “Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba” (VALPB), com o intuito de apresentar o comportamento variável da lateral /l/, em posição de coda, no dialeto da capital paraibana. Para tanto, foram coletados, ao todo, dados que apresentaram 3.703 ocorrências da lateral em posição de coda silábica.

Em relação às variáveis selecionadas pelo autor (que as chamou de *restrições*), foram subdivididas entre variáveis sociais e estruturais. As variáveis sociais (externas ou extralinguísticas) foram: sexo, faixa etária e anos de escolarização; as variáveis estruturais

(internas ou linguísticas) foram: contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, extensão do vocábulo e sua tonicidade.

Os estudos mencionados até então dizem respeito ao comportamento da lateral em língua portuguesa como LM, considerando variedades brasileiras diversas. Os trabalhos a seguir foram realizados com fins de investigar o comportamento da lateral em coda silábica no contexto de contato dialetal sob uma nova perspectiva: os informantes são estrangeiros, oriundos da África, falantes da língua crioula dos seus respectivos países e do português, de outras variedades que não a brasileira e em contato com esta. Ou seja, a perspectiva agora é a do PB como L2 e esclarecemos que os países africanos em questão (Guiné-Bissau e Cabo Verde), apresentam contexto de diglossia¹³, onde se fala a língua crioula e o português.

A sexta pesquisa que selecionamos para análise (e a primeira que avalia o PB como L2) é de autoria de Santos (2020), intitulada “A lateral pós-vocálica em coda silábica: um panorama da velarização em contato dialetal”, referente à sua dissertação de mestrado. A pesquisa buscou analisar a produção da consoante lateral /l/ em posição de coda silábica, por falantes guineenses residentes na região Nordeste do Brasil. De acordo com a autora, a variável em questão apresenta as seguintes variantes: [l], [w], [ɫ] e [Ø]. Sua pesquisa consiste em analisar a frequência e forças que interferem na produção de cada uma delas.

O *corpus* selecionado pela autora consiste em entrevistas com estudantes guineenses universitários residentes na região Nordeste (Redenção-CE). Conforme afirma a autora, “os informantes foram separados em dois grupos, um referente a guineenses residentes no Brasil há mais de dois anos [...], o segundo referente a guineenses residentes no Brasil há até dois anos [...]” (SANTOS, 2020, p. 40).

Ressaltamos, abaixo, as diferenças entre a LM dos guineenses e o PB do nordeste brasileiro no que tange à realização da lateral em posição de coda silábica, conforme observado por Santos (2020, p. 42):

Na região Nordeste, a consoante lateral em posição pós-vocálica se manifesta majoritariamente de maneira semivocalizada [w]. Na Guiné-Bissau, país de origem dos informantes desta pesquisa, que têm como língua de comunicação o crioulo, a mesma variante é realizada de maneira velarizada [ɫ]. Assim, vemos a relação entre duas variantes de características totalmente diferenciadas em relação aos seus traços característicos (SANTOS, 2020, p. 42).

¹³ A propósito da diglossia, apresentaremos aqui uma breve definição, sem nos aprofundarmos no assunto e com base em Fernández (1998, *apud* SIVA, 2013, p. 26): “em linhas gerais, [...] diglossia é uma situação linguística onde duas variedades coexistem e a cada uma delas é reservada uma função específica na comunidade de fala”.

As variáveis controladas pela autora foram: a) variável dependente: o fonema lateral pós-vocálico em posição de coda silábica; b) variáveis independentes – 1) linguísticas: posição da consoante em coda medial e final e contexto fonológico anterior; 2) extralinguísticas: sexo/gênero masculino e feminino, tempo de exposição à língua portuguesa e tempo de residência no Brasil.

O sétimo estudo que analisamos nesta pesquisa foi empreendido por Silva (2013), que investigou a lateral pós-vocálica em contato entre dialetos. A pesquisa refere-se a uma dissertação de mestrado e leva o título “A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João Pessoa”, cujo objetivo principal é o de verificar se os guineenses e cabo-verdianos residentes em João Pessoa-PB apresentam indícios de acomodação linguística ao dialeto paraibano no que se refere à lateral em posição de coda silábica.

A autora utilizou três estratégias para a coleta de dados de sua pesquisa, quais sejam: entrevista, leitura de textos e listas de palavras e “a amostra constitui-se de sete (07) informantes, entre 20 e 30 anos, provenientes de Guiné-Bissau e Cabo Verde, e residentes na cidade de João Pessoa/PB” (SILVA, 2013, p. 45). A análise quantitativa foi realizada por meio do programa GoldVarb X e a análise qualitativa foi feita sob o viés da teoria da acomodação e de atitudes linguísticas.

As variáveis controladas pela autora foram: estilo, tempo de exposição, país de origem, tonicidade, posição na palavra¹⁴, contexto fonológico anterior, contexto fonológico seguinte e extensão do vocábulo. A autora afirma que também controlou, inicialmente, as variáveis sexo, idade e se o informante residia com conterrâneo, mas optou por descartar essas variáveis em decorrência do pequeno número de informantes para uma representação significativa. Nas palavras da autora:

Por exemplo, as idades dos informantes encontrados variam entre 20 e 30 anos, de modo que não há variação significativa que nos permita fazer uma análise que aponte para uma marca de diferença geracional.

No caso das variáveis sexo e se mora com conterrâneos, encontramos apenas um informante do sexo feminino e um informante que não mora com conterrâneos, o que, da mesma forma, não nos permite fazer uma análise quantitativa relevante relacionando estas variáveis à variação da lateral pós-vocálica (SILVA, 2013, p. 53-54).

¹⁴ A autora se refere à posição da sílaba contendo a lateral pós-vocálica ocupada na palavra, se em sílaba inicial, medial, final ou monossílabo.

Com o trabalho de Silva (op. cit.), concluímos a exposição das pesquisas que tratam do PB e iniciaremos, agora, a exposição dos trabalhos que estudaram o comportamento da lateral em inglês, iniciando com a perspectiva de inglês como LM para, depois, passarmos para a perspectiva do inglês como L2.

O oitavo trabalho analisado em nosso estudo, e primeiro que aborda o inglês como LM, é de autoria de Johnson e Britain (2003), que fazem uma análise da consoante lateral iniciando seu estudo com a indicação de que em vários dialetos do inglês, mas não em todos, há duas variantes para a realização do fonema, quais sejam: uma que eles chamam de clara (*clear*), representada por [l] (doravante *l claro*), e outra que definem como escura ou velarizada (*dark* ou *velarised*), representado por [ɫ] (doravante *l escuro*). O alofone claro ocorre na posição de *onset* (início, ou ataque) de sílabas, como no vocábulo *leaf* [li:f], enquanto o alofone escuro ocorre nas *syllable rhymes* (rimas silábicas), como no vocábulo *feel* [fi:ɫ]. Dessa forma, definem que o foco de seu estudo é a vocalização da variante escura [ɫ], processo que os autores julgam como natural no inglês em localidades que possuem essa variação da consoante lateral.

O objetivo dos autores foi o de procurar uma explicação linguística para o fenômeno da vocalização da lateral, que julgam ser uma mudança linguística em curso, e demonstrar que tal fenômeno é natural e esperado, em particular nas localidades onde o dialeto ou a língua apresentam a dicotomia do *l claro/l escuro*.

Os autores sinalizam que o fenômeno da vocalização do *l escuro* ocorre em diversas comunidades linguísticas do inglês, mas o *corpus* do seu estudo consiste em dados coletados na região de Fens (ou Fenland), onde os autores afirmam que o processo de vocalização do /l/ parece ser uma mudança em curso.

As variáveis controladas pelos autores na sua pesquisa foram: 1) extralinguísticas: idade e região; 2) linguísticas: duração da vogal precedente, consoante precedente, contexto vocálico sucessor.

O nono trabalho analisado foi desenvolvido por Horvath e Horvath (1997), que investigaram a vocalização do /l/ como variação linguística no inglês australiano, com o objetivo geral de estudar o padrão linguístico e social desse fenômeno, considerado por eles como uma mudança linguística em progresso. Sua análise tem cunho geográfico e contrapõe-se a estudos anteriores, que apresentaram ideias de que não há esse tipo de variação no país, ou que há em níveis mínimos. Dessa forma, o estudo de Horvath e Horvath (1997) buscou demonstrar o padrão geográfico da mudança linguística, mostrando, também, resultados da taxa de vocalização de acordo com variáveis linguísticas.

A amostra do estudo foi coletada em 5 cidades australianas, quais sejam: Mount Gambier, Hobart, Sydney, Melbourne e Brisbane, representadas pelas letras G, H, S, M e B. O número de falantes investigados em cada cidade foi, respectivamente: 46, 27, 28, 39 e 31, totalizando 171 informantes, que foram classificados de acordo com sua classe social, gênero e idade (variáveis extralinguísticas, ou sociais).

O estudo dos autores não focou na investigação de quais contextos fonológicos favorecem ou desfavorecem a variação, mas sim o seu padrão geográfico, embora também apresentem resultados de acordo com variáveis linguísticas, a saber: contexto fonológico anterior, contexto fonológico posterior e tipo de /l/.

O décimo estudo analisado diz respeito ao inglês como L2 e é de autoria de Baratieri (2006), cuja pesquisa corresponde a uma dissertação de mestrado em que o autor buscou analisar a produção, por falantes do PB, do fonema /l/ em posição de coda silábica no inglês como língua estrangeira, com fins de investigar o efeito do contexto fonológico seguinte na produção da lateral. O autor buscou, também, investigar propriedades acústicas e articulatórias desse fonema, além do pico silábico, de modo a verificar se ele mantém alguma relação com as realizações articulatórias da lateral.

A amostra do autor foi composta por 20 estudantes brasileiros de inglês como língua estrangeira. Destes, 15 eram do sexo feminino e 5 do sexo masculino, e as idades variaram entre 14 e 22 anos. O autor afirma que os participantes da pesquisa nunca viajaram para outro país (essa característica foi um dos critérios mínimos estabelecidos pelo autor). Dentre os estudantes, 13 estavam matriculados no terceiro nível do curso de inglês “To the Top” (TT-3) e 7 tinham concluído este nível recentemente. O curso, de acordo com o autor, possui 3 níveis de inglês avançado e consiste em 57 horas de instrução por nível. Após completar o terceiro nível, os estudantes são instruídos a realizarem o teste TOEFL ITP.¹⁵

As variáveis controladas pelo autor foram puramente linguísticas: foi fixada a vogal média-baixa anterior /ɛ/ como contexto precedente para, a partir daí, analisar o comportamento da lateral de acordo com o contexto fonológico seguinte, ponto de articulação e modo de articulação. Embora o autor reconheça que pode haver variação de acordo com a variável sexo, esta não foi considerada no estudo.

Dando continuidade às análises de estudos que pesquisaram sobre o comportamento da lateral em coda silábica na fala em inglês como L2 por brasileiros, chegamos no estudo de

¹⁵ To the Top is a three-level Advanced English Course which consists of 57 hours of instruction per level. After completing the third level, students are advised to take the TOEFL ITP test (nota do autor).

Hahn (2010), décima primeira pesquisa analisada neste estudo. A autora apresenta proposta de investigar a influência do PB na aquisição da lateral /l/ em posição de coda silábica no inglês como segunda língua por falantes da região sul do Brasil, mais especificamente do estado do Rio Grande do Sul.

O *corpus* analisado pela autora corresponde aos dados coletados de 25 estudantes brasileiros de inglês como L2, cuja análise foi feita auditivamente por meio do programa *Praat* e, estatisticamente, utilizando o *software Goldvarb X*. Seus objetivos foram: observar as taxas de vocalização por falantes de inglês como L2 do Rio Grande do Sul e a relação do fenômeno com variáveis linguísticas e extralinguísticas; verificar se o comportamento de tais falantes em L2 se relaciona com características da variedade do PB da região e com características observadas na realização do /l/ em variedades do inglês.

As variáveis consideradas no estudo de Hahn foram divididas em linguísticas e sociais, conforme segue: 1) variáveis linguísticas: a) variável dependente: aplicação da regra da vocalização, transformando o *l escuro* [ɫ] na semivogal [w]; b) variáveis independentes: contexto anterior; contexto posterior; 2) variáveis sociais: a) sexo; b) nível de inglês; 3) informante (cada informante também foi codificado).

Recapitulando os estudos apresentados nesta seção, estes dizem respeito à análise tanto do PB como do inglês nas seguintes perspectivas: PB como LM, representada pelos estudos de Quednau (1993), Collischonn e Quednau (2009), Pinho e Margotti (2010), Moura (2009), Hora (2006); PB como L2, representada pelas obras de Santos (2020) e Silva (2013); inglês como LM, representada pelas pesquisas de Johnson e Britain (2003) e Horvath e Horvath (1997); inglês como L2, representada pelos estudos de Baratieri (2006) e Hahn (2010).

Com essa exposição, concluímos a parte da descrição das pesquisas selecionadas para estudo e, agora, podemos avançar para a próxima seção, que consiste em analisar os dados das pesquisas apresentadas, especialmente no que tange em investigar as variáveis que aparecem em todas elas ou em sua maioria, conforme delimitado em nossos objetivos.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, mencionaremos os resultados a que chegaram cada uma das onze pesquisas descritas na seção anterior. Após esse passo, abriremos uma nova subseção com o intuito de identificarmos pontos de convergência no entendimento dos autores a respeito das variáveis que interferem no fenômeno da vocalização ou velarização do fonema lateral.

A primeira pesquisa elencada foi a empreendida por Quednau (1993), sob a perspectiva de PB como LM na variedade falada no estado do Rio Grande do Sul. Seus resultados apontam que, dentre as variáveis extralinguísticas, a variável *grupo étnico* foi a mais relevante no seu estudo. A região metropolitana (Porto Alegre) apresentou uma maior frequência da vocalização, ou seja, da conversão da consoante lateral pós-vocálica em [w]. Este grupo apresentou frequência de 91% de vocalização. Em segundo lugar, estão os fronteiriços, que a autora afirma terem índices muito inferiores de vocalização (frequência de 27%), seguidos dos falantes das regiões de Monte Bérico (de colonização italiana), que apresentaram frequência de 23%, e de Santana do Livramento (de colonização alemã), que apresentaram frequência de 20%.

A autora considera que estes números representam uma regra categórica para a vocalização do /l/ pós-vocálico pelos falantes da região metropolitana, concluindo, assim, ser uma regra telescópica, ou seja, que se inicia nas grandes cidades, e que, de acordo com Hyman (1975, *apud* QUEDNAU, 1993, p. 47) “pode ser definida geralmente como a perda de um estágio intermediário em uma derivação fonológica”. Ou seja, entre a velarização e a vocalização do /l/ pós-vocálico, houve um estágio intermediário que não mais existe naquela comunidade de fala.

A propósito dos estágios mencionados no parágrafo anterior, Lopez (1980, *apud* QUEDNAU, 1993, p. 48) “prevê três estágios pelos quais passaria o /l/ em posição final de sílaba, quais sejam: a) velarizado [ɫ], b) velarizado e labializado [ɫʷ] ou c) vocalizado em [w]”. Quednau (1993) conclui que, na região metropolitana, a regra já atingiu o estágio final (vocalizado, [w]), enquanto nas demais regiões ainda prevalece o estágio inicial (velarizado, [ɫ]).

Os resultados acima referem-se à variável extralinguística *grupo étnico*, variável considerada mais relevante pelo IVARB, programa utilizado pela autora para análise das variáveis. A variável *sexo* mostra alguma vantagem da mulher quanto à aplicação da regra, apesar de a variável ter se mostrado inexpressiva, e a variável *faixa etária* não foi considerada relevante pelo programa. Em relação à variável *sexo*, essa pequena vantagem das mulheres em relação aos homens nos resultados sobre a vocalização da lateral vai de encontro ao que preconizam Coelho *et al* (2012), segundo os quais as mulheres apresentam uma atitude linguística mais conservadora, de menor variação na língua, de modo a se posicionarem, linguisticamente, refletindo características da realidade de mulher na sociedade, embora esse seja um cenário em mudança.

Em relação às variáveis linguísticas, foram consideradas relevantes (em ordem decrescente de relevância): acento, posição da lateral, contexto fonológico seguinte e contexto fonológico precedente. A variável *sândi*, tal qual a faixa etária (mencionada acima), não foi selecionada pelo programa devido a não ter sido considerada relevante.

De acordo com os resultados da pesquisa de Quednau (1993), a vocalização do fonema lateral em posição de coda silábica é influenciada por variáveis tanto linguísticas como extralinguísticas, e a variável que mais interferiu para tal processo, considerando a amostra da pesquisa, foi o *grupo étnico*. Isso comprova a viabilidade de se analisar esse fenômeno fonológico sob a perspectiva da sociolinguística variacionista.

Avancemos, agora, para a apresentação da análise do estudo de Collischonn e Quednau (2009), segundo trabalho que elencamos para nossa pesquisa, e que também aborda o fenômeno da vocalização do /l/ em coda silábica no PB enquanto língua materna.

Os resultados da sua pesquisa se assemelham aos apresentados por Quednau (1993): as autoras observaram uma predominância da vocalização do /l/ pós-vocálico, transformando-o na semivogal /w/. Ressalte-se, porém, que foram observadas realizações do /l/ como aproximante retroflexo [ɭ] ou tepe retroflexo [ɮ], fenômeno que as autoras afirmam que é conhecido como rotacismo e que normalmente é associado a regiões rurais e/ou a falantes de baixa escolaridade (COLLISCHONN & QUEDNAU, 2009).

Ainda sobre o fenômeno do rotacismo, é mencionada uma outra variante por Silva Neto (1963, *apud* COLLISCHONN & QUEDNAU, 2009), que é a semivogal anterior [j] em detrimento à semivogal posterior [w], em vocábulo como *alma*, sendo realizado como *a[j]ma*, por exemplo, além, também, do apagamento da lateral, em vocábulos como *anzol*, sendo realizado como *anzoØ*, por exemplo, o que também pode acontecer com a vibrante /r/.

Atente-se ao fato de que as ocorrências de rotacismo são associadas pelas autoras predominantemente a variedades do PB que possuem menor prestígio social, fazendo-nos entender que, quando ocorre, o rotacismo sinaliza uma variedade socialmente estigmatizada. Concluem, também, que a vocalização da lateral pós-vocálica parece ser uma mudança em progresso no PB, embora seja considerada uma mudança consolidada em algumas regiões linguísticas brasileiras, caracterizando tal fenômeno como traço distintivo entre este idioma e o português falado em outros lugares do mundo, como Portugal e alguns países africanos. Na região Sul do Brasil, entretanto, ainda se verificam com muita frequência as realizações da lateral alveolar e velarizada, sendo as realizações predominantes em algumas localidades.

As considerações feitas até então correspondem à primeira parte do estudo de Collischonn e Quednau (2009), que se valia dos dados coletados no projeto VARSUL. A

seguir, teceremos considerações a respeito da segunda parte do estudo das autoras, que abrange as localidades de Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC) e São José do Norte (RS), cujas análises são apresentadas tanto individualmente como em combinação com as amostras da pesquisa de Quednau (1993).

Os resultados da análise por localidade apontam para uma maior vocalização da lateral pós-vocálica nas cidades de Londrina, Pato Branco e Curitiba (todas do Paraná) que apresentaram vocalização às razões de 80%, 91% e 81%, respectivamente. O índice de vocalização é reduzido em Irati (63%), cidade também paranaense, e o fenômeno é reduzido ainda mais na cidade catarinense de Lages (51%) e apresenta o menor índice na cidade gaúcha São José do Norte (43%), indicando redução gradativa conforme se vai em direção ao Sul. A cidade gaúcha, inclusive, foi a que apresentou o maior número de ocorrências da lateral velarizada, à razão de 30%.

Em relação às demais variáveis extralinguísticas, os resultados mostram que a vocalização do /l/ pós-vocálico é mais frequente na amostra representada pelas mulheres, pelos mais jovens e pelos menos escolarizados. No caso das mulheres, esse resultado corrobora o resultado apresentado por Quednau (1993), apresentado anteriormente e, novamente, contraria a ideia de Coelho *et al* (2012) sobre a atitude linguística mais conservadora por parte das mulheres. Os resultados referentes à variável *idade* validam a hipótese das autoras de que o fenômeno da vocalização se trata de uma mudança em curso. Já a variável *escolaridade* surpreendeu as pesquisadoras, que não supunham que tal variável exercesse influência no fenômeno.

Quanto aos resultados pelas variáveis linguísticas, a primeira selecionada foi o *contexto precedente*, que apresentou dois fatores relevantes, que são a vogal média-baixa anterior [ɛ] e a vogal alta posterior [u], que apresentaram pesos relativos respectivos de 0,63 (favorecendo a vocalização) e 0,29 (desfavorecendo a vocalização). Os demais fatores analisados apresentaram peso relativo girando em torno do ponto neutro, ou seja, não têm papel relevante no processo de vocalização da lateral.

Em relação à segunda variável linguística selecionada, o *acento*, nenhum dos fatores pareceu favorecer a aplicação da vocalização do /l/, embora os fatores *postônico* (peso relativo de 0,42) e *monossílabo* (peso relativo de 0,38) tenham se mostrado os que menos favorecem o processo.

As variáveis linguísticas *contexto seguinte* e *classe de palavra* não foram considerados relevantes pelo programa utilizado pelas autoras (GoldVarb). A variável linguística *posição do segmento-alvo* foi utilizada pelas autoras para a análise dos resultados do conjunto de

dados formados pelas amostras das cidades de Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC), São José do Norte (RS), coletadas em sua pesquisa, e das cidades gaúchas de Porto Alegre, Santana do Livramento, Taquara e Monte Bérico, analisadas na pesquisa de Quednau (1993).

Para a análise do conjunto, as variáveis que o programa considerou relevantes foram: 1) variáveis extralinguísticas: a) localidade; b) sexo c) escolaridade e d) idade; 2) variáveis linguísticas: a) contexto precedente; b) posição do segmento-alvo e c) acento.

No que diz respeito às variáveis extralinguísticas, o resultado a que as autoras chegaram pela variável *localidade* denota que os pesos relativos mais altos são o de Porto Alegre (0,88) e o de Pato Branco (0,83). Na sequência, aparecem Curitiba e Londrina, ambas com peso relativo de 0,64. Irati e São José do Norte também apresentaram pesos relativos iguais, de 0,41. Os índices mais baixos foram apresentados nas cidades de Livramento (0,19), Taquara (0,18) e Monte Bérico (0,13). As autoras consideram que estes baixos índices são devidos ao fato de tais cidades serem constituídas por comunidades isoladas (São José do Norte), por vários grupos étnicos (no caso de Irati) ou por comunidades bilíngues (como são os casos de Livramento, Taquara e Monte Bérico).

Quanto à variável *sexo*, as autoras chegaram à conclusão de que a vocalização é mais frequente entre as mulheres, apesar da proximidade do ponto neutro (índice de 0,54 para as mulheres e de 0,46 para os homens), denotando que se trata de uma mudança em curso, segundo as autoras. Esse resultado confirma as pressuposições de Labov (2008 [1972], p. 347), que atribui às mulheres uma atitude linguística mais inovadora, quando o autor afirma que “parece provável que o ritmo do progresso e direção da mudança linguística devem muito à especial sensibilidade das mulheres a todo o processo”. Porém, o autor julga que seria um grave erro atribuir, de maneira geral, às mulheres o papel de liderança no curso da mudança linguística, asseverando que “a generalização correta [...] não é a de que as mulheres lideram a mudança linguística, mas sim que a diferenciação sexual da fala frequentemente desempenha um papel importante no mecanismo de evolução linguística” (LABOV, 2008 [1972], p. 348).

A variável *escolaridade* também apresenta índices girando em torno do ponto neutro, embora mostre um favorecimento da vocalização da lateral por parte dos falantes de nível secundário (peso relativo de 0,57) em detrimento dos falantes de nível primário (peso relativo de 0,43).

A variável *idade* mostra favorecimento da vocalização pelos falantes mais jovens (peso relativo de 0,57), enquanto os falantes com mais de 50 anos apresentaram peso relativo de 0,41. As autoras consideram que esse maior peso apresentado pelos falantes mais jovens na

rodada conjunta apresenta menos nitidez do que os resultados apresentados nas rodadas das comunidades separadamente. Esses números evidenciam que a vocalização pode estar se encaminhando para uma mudança linguística em tempo aparente, visto que os falantes quanto mais jovens, maiores taxas de vocalização apresentam. Podemos aqui pensar na questão da atitude linguística mais inovadora quanto menor a idade do falante.

A respeito da mudança em tempo aparente, Coelho *et al* (2012, p. 102, grifo nosso) consideram que

[...] cada pessoa preserva durante a vida o sistema vernacular que foi adquirido durante seus primeiros anos de formação até a puberdade (de 5 a 15 anos, mais ou menos). Quando envelhece, em geral, retrata um vernáculo de anos atrás. **Podemos então perceber indícios de mudança linguística ao comparar uma geração com a outra.** Da observação sincrônica de faixas etárias diferentes, pode-se ver, por exemplo, quais as mudanças linguísticas que estão em curso (COELHO *et al*, 2012, p. 102, grifo nosso).

No tocante às variáveis linguísticas, os resultados foram: a variável *contexto precedente* somente interfere no processo de vocalização da lateral quando representado pela vogal precedente /u/; a variável *posição do segmento-alvo* apresenta favorecimento da vocalização quando a lateral está em final de palavra; a variável *acento* reafirma os resultados anteriores, em que o fenômeno da vocalização é mais desfavorecido pelo contexto de postônica final, seguido do contexto de monossílabo.

Apresentaremos, a seguir, os resultados do terceiro estudo que elencamos para a nossa análise, que foi empreendido por Pinho e Margotti (2010), e que também investigou o comportamento da lateral em coda silábica no PB como LM.

Como mencionado anteriormente, os autores utilizaram os dados do ALiB, cuja metodologia explicam da seguinte forma:

No total, objetiva-se a realização de 1100 entrevistas em 250 localidades distribuídas por todo o país. São quatro informantes entrevistados por ponto (*estratificados por idade e gênero*), sendo que, nas capitais, são oito, *controlando-se também o fator escolaridade*. As entrevistas são feitas por meio de questionários, em que as perguntas foram elaboradas com o objetivo de registrar a variação linguística do nível fonético-fonológico ao pragmático-discursivo. Os questionários aplicados nas entrevistas são fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático, pragmático e um com temas para discursos semidirigidos. Desses questionários selecionamos algumas questões do fonético-fonológico, que tinham como objetivo registrar a variação justamente na lateral alveolar (PINHO e MARGOTTI, 2010, p. 76, grifos nossos).

Os trechos destacados no excerto acima apontam para o olhar sociolinguístico lançado pelos autores à pesquisa, investigando variáveis sociais, fato do qual os autores demonstram

ciência, apesar de não terem delimitado, no título ou na apresentação da pesquisa, que esta teria um viés sociolinguístico.

Dada a numerosa quantidade de dados do ALiB, Pinho e Margotti (2010) fizeram um recorte utilizando as entrevistas feitas nas capitais, reduzindo o número de entrevistas de 1100 para 200, correspondendo a oito entrevistados por capital.

A análise dos dados pelos autores permitiu-lhes observar que o fenômeno da vocalização é predominante no PB e ocorreu em uma proporção próxima a 88%. Em relação às variáveis extralinguísticas, os autores concluíram que “são os fatores de ordem social e geográfica que mais condicionam a variação entre a forma velarizada [ɫ] e a vocalizada [w]” (PINHO & MARGOTTI, 2010, p. 86), sendo a primeira variante a que prevalece no português de Portugal, enquanto a segunda prevalece no PB.

Ainda sobre as variáveis extralinguísticas controladas no estudo, os autores chegam às seguintes conclusões:

- a) Quanto mais ao sul, menor se verifica a ocorrência da vocalização, principalmente no Rio Grande do Sul, embora sua capital, Porto Alegre, privilegie a vocalização, destacando-se das cidades interioranas, que se mostram mais conservadoras nesse aspecto. Se pensarmos por um viés migratório pelo qual geralmente passam as capitais, recebendo imigrantes de outras regiões, podemos considerar que os falantes que vão para a capital “desprendem-se” das características mais tradicionais do seu dialeto, conforme preconiza a TA, acomodando seu dialeto aos diversos dialetos em contato com os quais possivelmente mantém interação na capital do estado;
- b) Em relação à região sul, a variante não vocalizada apresentou-se apenas na fala dos informantes mais velhos da capital gaúcha, o que os autores veem como um indicador de mudança linguística em tempo aparente, tal como observamos que ocorreu com a pesquisa de Collischonn e Quednau (2009), em que a língua perde a presença da consoante lateral alveolar em posição de coda silábica, favorecendo as estruturas silábicas CV e CVV em detrimento da estrutura CVC, o que amplia o número de ocorrências de ditongos e reduz as sílabas terminadas por segmentos consonantais. Em outras palavras, percebe-se uma reconfiguração da sílaba por meio da vocalização da lateral;
- c) Geograficamente, a variante rótica da lateral surge principalmente na região centro-oeste;

- d) O apagamento da lateral em coda silábica ocorre mais na região nordeste, seguida da região norte;
- e) Percebeu-se uma polarização entre as regiões sul e nordeste: enquanto a primeira é mais conservadora, preservando a lateral sem vocalizar e demonstrando baixos índices de apagamento, a segunda mostrou-se mais inovadora, com os maiores percentuais de apagamento da lateral e sem nenhuma ocorrência das variantes [l] e [ɫ] em posição de coda silábica.

Passando para a análise das variáveis linguísticas, os autores verificaram que o contexto fonológico precedente é o que se mostra mais relevante na variação entre a variante vocalizada e o seu apagamento, sendo as vogais posteriores as principais favorecedoras do apagamento da lateral, que tende a ser mantida quando antecedida por vogais anteriores ou pela central /a/. Entretanto, quando precedida pelas posteriores altas, tende-se a um apagamento, principalmente depois da vogal /u/. Os autores veem uma justificativa estrutural para esse cenário, dada a “maior similaridade articulatória entre a variante vocalizada da lateral e a vogal do núcleo da sílaba. [...] O mesmo não ocorre com as vogais anteriores, que se diferenciam do ponto de vista articulatório, da lateral vocalizada” (PINHO e MARGOTTI, 2010, p. 80).

Os autores também observam aspectos relacionados a distinções entre o português das regiões Sul e Nordeste do Brasil nos vários níveis da gramática, do fonético-fonológico ao semântico-lexical. Porém, neste estudo, não nos aprofundaremos nestes pontos de análise, visto que nosso foco é referente às variações da lateral.

Na sequência, apresentaremos os resultados do quarto estudo sob análise, o qual foi empreendido por Moura (2009), que, assim como os trabalhos anteriores, também investigou o comportamento da lateral em coda silábica no PB pela perspectiva de LM, mais precisamente no estado de Tocantins.

Ao processar os dados no programa Goldvarb 2001 pela primeira vez, o autor removeu as variantes aspirada [h] e velarizada [ɫ], que apresentaram seis e duas ocorrências, respectivamente, corroborando a hipótese de que a forma velarizada encontra-se em processo de extinção na comunidade de fala de Araguatins. Dessa forma, a análise considerou um total de 3256 ocorrências, das quais 2961 correspondem à lateral semivocalizada [w] e 295 de apagamento, ou zero fonético [Ø].

O autor verificou que o programa identificou as seguintes variáveis independentes como relevantes no processo de vocalização/apagamento da lateral /l/, em ordem decrescente:

contexto fonológico precedente, tonicidade, sexo, extensão do vocábulo, escolaridade, contexto fonológico seguinte e faixa etária, não considerando como relevante a variável posição da lateral.

No que diz respeito ao contexto fonológico precedente, os resultados do estudo de Moura (2009) apontaram que as vogais posteriores, principalmente [u], não favorecem a realização da lateral /l/ como semivogal. Também foi constatado que a altura tem influência direta na realização da forma vocalizada e, por isso, [ɛ] e [a] são as vogais que o programa identificou como contextos precedentes que mais condicionaram a utilização da semivogal [w].

Em se tratando de contexto fonológico seguinte, o estudo mostrou uma forte tendência ao apagamento da lateral quando seguida de uma vogal ou de uma consoante labial. Por outro lado, a pausa como contexto fonológico seguinte mostrou-se como favorecedora da manutenção da forma vocalizada, enquanto as consoantes dorsais e coronais mostraram-se mais próximas da neutralidade.

Sobre a extensão do vocábulo, o estudo mostrou que a aplicação da regra da vocalização é mais favorecida quanto menor a massa fônica do vocábulo e, conseqüentemente, quanto maior a palavra (mais massa fônica), ela estará mais propensa ao apagamento de segmentos, especialmente dos segmentos em posição de coda silábica, incluindo a lateral /l/.

No que tange à tonicidade, o autor verificou favorecimento da vocalização na posição tônica e na pretônica, enquanto a posição postônica apresentou peso relativo quase nulo, apontando para um apagamento da lateral.

Em relação à variável sexo, o autor constatou que os homens “apagam muito mais o /l/ pós-vocálico do que as mulheres, que, por sua vez, mostraram-se como grandes favorecedoras à aplicação da regra de vocalização da lateral” (MOURA, 2009, p. 77). Entendendo o apagamento do segmento /l/ como a variante mais estigmatizada, constatamos, mais uma vez, o que preconizam Coelho *et al* (2012), quando os autores afirmam que as mulheres optam por utilizar a variante mais prestigiada socialmente. Novamente, a atitude linguística das mulheres é verificada como item que reforça o seu posicionamento social.

No tocante à atuação da variável faixa etária no processo de variação do /l/ em posição de coda silábica, o autor afirma não ter percebido grande interferência do fator idade, pois os pesos relativos apresentados pelos jovens, adultos e idosos ficaram muito próximos da neutralidade.

Os resultados da variável anos de escolaridade foram considerados como relevantes pelo programa,

[...] tendo os informantes de baixa escolaridade (0 a 5 anos de escolarização) obtido peso relativo de (.24) para a vocalização da lateral em posição de coda, os de escolaridade intermediária (6 a 9 anos de escolarização) peso de (.52) e os de escolaridade alta tiveram peso (.62) para a forma semivocalizada da lateral. (MOURA, 2009, p. 77)

Em outras palavras, os resultados explícitos no excerto acima mostram que será maior a probabilidade de favorecimento à regra da vocalização da lateral quanto maior for a escolarização do informante. Percebemos, aqui, uma atitude linguística de “maturação”, em que os falantes, à medida que adquirem mais conhecimento formal, optam por utilizar a variante mais prestigiada socialmente (pensando na dualidade *vocalização x apagamento*), seja essa opção de forma consciente ou inconsciente.

Avancemos para a exposição da análise do estudo de Hora (2006), quinto estudo que elegemos para analisar, e que também trabalhou com a perspectiva de PB em seu papel de língua materna.

Conforme mencionado anteriormente, a amostragem da pesquisa corresponde a dados que apresentaram 3.703 ocorrências da lateral em posição de coda silábica, que foram realizadas com as seguintes variantes: vocalização [w], com 3.109 ocorrências; zero fonético ou apagamento [Ø], que representou 583 casos; aspiração [h], com 8 ocorrências e, por fim, a variante velarizada [ɬ], com 3 ocorrências. Dados estes resultados, o autor optou por fazer uma análise binária, com as variantes vocalizada e zero fonético, tendo em vista os baixos índices de ocorrências das formas aspirada e velarizada.

Os resultados obtidos permitiram ao autor fazer a seguinte distribuição das variantes da lateral /l/ em posição de coda silábica na comunidade pessoense:

- a) [w]: interior e final de palavra (pa[w]co, jorna[w]);
- b) [Ø]: interior e final de palavra (cu[Ø]pa, azu[Ø]);
- c) [h]: interior de palavra (pa[h]co);
- d) [ɬ]: interior e final de palavra (pa[ɬ]co, jorna[ɬ]).

Em ordem hierárquica, o programa VARBRUL selecionou as seguintes variáveis como significativas: contexto fonológico precedente, tempo de escolarização, tonicidade,

faixa etária, extensão do vocábulo e sexo. As variáveis contexto fonológico seguinte e categoria social foram consideradas irrelevantes no estudo.

No que diz respeito à variável sexo, o autor esperava que as mulheres apresentassem índices mais significativos do que os homens. Porém, esse índice no grupo feminino foi de .53, frente a .47 no grupo masculino. Logo, percebe-se uma proximidade do ponto neutro (.50), fato que impede uma afirmação categórica e denota que o comportamento dos falantes de João Pessoa de ambos os sexos dá-se de forma similar quanto à vocalização da lateral.

A variável faixa etária demonstrou que os falantes entre 15 e 49 anos favorecem à vocalização da lateral. Os falantes com idades entre 15 e 25 anos apresentaram índice de .55, valor semelhante ao apresentado pelos falantes com idades entre 26 e 49, que foi de .58, frente a um índice de apenas .37 apresentado pelos falantes acima de 49 anos de idade. Estes resultados levam o autor a entender o fenômeno da vocalização como uma mudança linguística em progresso, quando analisados os dados sob a perspectiva do tempo aparente.

Quanto à variável anos de escolarização, o autor verificou que “os falantes com mais anos de escolarização favorecem a forma vocalizada (0.63), ao contrário dos analfabetos (.22)” (HORA, 2006, p. 38), o que o levou a constatar uma relação direta entre o maior tempo de escolarização e o favorecimento da variante vocalizada da lateral.

Em relação ao contexto fonológico precedente, o programa VARBRUL o selecionou como a variável mais significativa de todas, quando preenchido por vogal. Quando esta vogal é baixa [a] ou anterior [i, e], há um favorecimento da variante vocalizada, enquanto o zero fonético “apresenta resultados mais significativos quando a vogal que antecede a lateral é posterior, principalmente se ela for alta” (HORA, 2006, p. 39). Os resultados por vogal precedente são demonstrados na Tabela 1, abaixo.

Tabela 1 - Atuação do contexto fonológico precedente

Vogal precedente	APL./Total	%	Peso relativo
Vogal -u- “azul”, “pulso”	113/272	42	.06
Vogal -o- “toldo”	122/221	55	.10
Vogal -ó- “anzol”, “pólvora”	208/289	72	.23
Vogal -i- “anil”, “silvo”	217/245	89	.53
Vogal -e- “papel”, “possível”	403/446	90	.60
Vogal -a- “jornal”, “alto”	2.046/2.219	92	.66

Fonte: Hora (2006, p. 39).

A variável extensão da palavra demonstrou que a vocalização da lateral é favorecida em palavras com menos massa fônica. Os pesos relativos apresentados foram: .52 das palavras monossilábicas, .58 das palavras dissilábicas, .45 das trissilábicas e .41 das

polissilábicas. Logo, o autor concluiu que as palavras mono e dissilábicas inibem o apagamento da lateral, enquanto as tri e polissilábicas o condicionam.

Por fim, a variável tonicidade silábica denotou maior probabilidade de vocalização da lateral em posição tônica (.56) em detrimento das posições pretônica (.46) e postônica (.28), esta última sendo a que mais favorece o apagamento da lateral.

Como conclusão do seu estudo, Hora (2006) constatou, na cidade de João Pessoa, uma preferência pela variante vocalizada – [w] – da lateral, em detrimento das demais variantes, e sintetiza que

[...] a realização das duas variantes encontradas em João Pessoa – vocalização da lateral e zero fonético – é condicionada, sobretudo, pela co-atuação de dois tipos de condicionantes: o contexto fonológico precedente e os anos de escolarização. Enquanto a vocalização da lateral se configura como norma (fato observado em todo país), o zero fonético, recorrente entre falantes com menos anos de escolarização, só é encontrado entre usuários com mais anos de escolarização se o contexto fonológico precedente for preenchido pela vogal homorgânica [u] – visto que a vocalização da lateral torna-a muito pouco saliente. Essas constatações finais servem, pois, para corroborar as hipóteses que aventamos no início da pesquisa [...] (HORA, 2006, p. 42).

Com o excerto acima, finalizamos a análise da pesquisa de Hora (2006) e passamos, agora, para o trabalho de Santos (2020), em que a vocalização da lateral também foi investigada na perspectiva do PB, mas agora enquanto L2.

A autora coletou seus dados através da “realização de uma entrevista laboviana clássica: procedimento não monitorado e de fala espontânea, e um encontro para a leitura de frases com cada informante: técnica controlada” (SANTOS, 2020, p. 39). Já o tratamento dos dados foi feito da seguinte forma:

Para a análise das entrevistas foram destacadas palavras que contêm o fenômeno em questão nas posições de coda medial e final, o que foi considerado como dado da pesquisa, e através do programa GoldVarb X [...] desenvolvemos a análise de ocorrência da velarização desse fonema relacionando a cada variável para ter-se o resultado da relevância de cada fator na ocorrência do processo fonológico em questão (SANTOS, 2020, p. 41).

A análise da autora, após processar os dados no programa GoldVarb X, permitiu-lhe organizar as variáveis independentes por ordem de relevância, da seguinte forma: coda silábica, tempo de exposição, instrumento de coleta, sexo/gênero e contexto fonológico anterior.

Em se tratando da variável dependente, antes do cruzamento com as variáveis independentes, a autora constatou que a forma velarizada [ɫ] corresponde a 90% das ocorrências de fala dos falantes guineenses.

Sobre a coda silábica, variável independente que o GoldVarb X apresentou como mais relevante, o estudo revela que os falantes guineenses realizam o segmento velarizado no PB, conforme o fazem em crioulo, sua língua materna. A autora constatou que a forma velarizada do /l/ foi mantida principalmente quando a posição ocupada pelo segmento é a coda média, conforme relatado no excerto a seguir (SANTOS, 2020, p. 44):

A variável independente destacada como de maior relevância no processo foi a correspondente à posição do segmento /l/ no vocábulo, se na coda medial ou final, resultando no valor de aplicação de 0.65 em coda silábica medial e 0.35 em coda final, o que corrobora a assertiva de que a posição medial praticamente não sofre influência dos segmentos que a seguem ou precedem, ao contrário da posição final que tende a apagar, independentemente da natureza do segmento adjacente (SANTOS, 2020, p. 44).

A análise da autora das características da lateral em coda silábica no PB lhe permite afirmar que a busca pelo não travamento silábico favorece a realização vocalizada do fonema lateral, e mesmo a posição sendo favorável para a formação de coda, a lateral não consegue preenchê-la em final de palavra. Quando o segmento está em posição final, é maior a sua probabilidade de sofrer influência de outros segmentos ou até mesmo apagar-se, fenômeno que a autora percebe ocorrer com mais deficiência no meio da palavra (SANTOS, 2020), e essa sua análise é respaldada por Silva (2013), ao afirmar que a consoante velarizada tem mais chances de permanecer sem alteração quanto mais distante estiver do fim do vocábulo.

A segunda variável independente mais relevante identificada pelo GoldVarb X foi o tempo de exposição, que “direciona seus resultados tanto para o nível social quanto para o nível linguístico, está relacionada à quantidade de anos que os guineenses residem no Brasil, referindo-se ao tempo de contato do informante com a variante brasileira da língua portuguesa” (SANTOS, 2020, p. 48).

A autora (op. cit.) constatou que a manutenção da variante velarizada /ɫ/ obteve peso relativo igual a 0.40 para os informantes com maior tempo de exposição (acima de dois anos) e 0.62 para os que estão expostos à nova língua há menos tempo (até dois anos), confirmando sua hipótese inicial de que quanto menor o tempo de exposição, maior seria a aplicação da variante velarizada, uma vez que ela possui mais semelhança com a língua materna dos guineenses.

A terceira variável mais relevante no estudo da autora foi o instrumento de coleta de dados. Ela utilizou duas formas: a entrevista sociolinguística e a gravação de frases. O resultado foi uma maior ocorrência da velarização na gravação de frases do que no instrumento da fala semi-espontânea. Ela atribui esse resultado ao fato de não “haver uma padronização da quantidade de vezes que a variante pode ocorrer nas entrevistas, enquanto na lista de frases ela aparece exatamente na mesma quantidade de vezes para todos os informantes” (SANTOS, 2020, p. 53), bem como a possibilidade da não influência das emoções na leitura das frases. A influência do fator emocional na entrevista faz com que o falante se aproxime mais da sua fala mais natural (vernacular).

A quarta variável selecionada em questão de relevância no estudo da autora foi o sexo/gênero, variável estratificada binariamente como masculino e feminino. O resultado denotou uma maior inovação por parte das mulheres, ou seja, elas apresentaram maior grau de acomodação do dialeto em contato. O peso relativo para o sexo/gênero masculino foi de 0.56 (próximo ao ponto neutro), enquanto para o sexo/gênero feminino foi de 0.35. Sobre esta variável, a autora conclui que

[...] apesar de não atribuir valores extremamente discrepantes em sua maioria, entre as categorias, a variável social sexo/gênero é sempre significativa em pesquisas sociolinguísticas e variacionistas pelo fato de atuarem sempre em conjunto com os fatores sociais e culturais que de certa forma padronizam e organizam a sociedade e a comunidade linguística que está em análise (SANTOS, 2020, p. 57).

Por fim, a última variável independente considerada como relevante pelo programa GoldVarb X foi o contexto fonológico anterior, correspondente aos traços da vogal anterior à consoante lateral na palavra. Os resultados referentes a esta variável estão dispostos na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2 - Valores da aplicação de /l/ quanto ao contexto fonológico precedente (vogais)

Vogal	N/T	%	P.R
[e ε]	143/148	96,6	0.78
[i]	231/260	88,8	0.59
[o/ɔ]	159/171	93,0	0.52
[a]	556/643	86,5	0.45
[u/w]	338/367	92,1	0.36

Input: 0.929

Relevância: 0.00

Fonte: Santos (2020, p. 59).

A interpretação da autora sobre os dados apresentados na Tabela 2 (conforme leitura da última coluna – PR) é a de que “os contextos fonológicos precedentes que mais favoreceram a velarização do segmento lateral são as vogais /e, ɛ, i, o, ɔ, a/ deixando em último lugar a vogal alta arredondada /u/” (SANTOS, 2020, p. 59).

Com estas considerações, concluímos a análise do estudo de Santos (2020). Passemos, agora, à análise da última pesquisa que aborda o PB, de autoria de Silva (2013), que também adotou a perspectiva de PB como L2 para falantes africanos, oriundos dos países Guiné-Bissau e Cabo Verde, ambos em situação de diglossia, conforme mencionado anteriormente.

A autora também utilizou o programa GoldVarb X para a análise quantitativa dos dados, enquanto sua análise qualitativa foi feita sob o viés da Teoria da Acomodação e as atitudes linguísticas.

O resultado geral da análise estatística da autora revelou três tipos de ocorrências com a consoante lateral em posição de coda silábica: manutenção da variante velarizada, vocalização e apagamento, conforme sugere a Tabela 3, a seguir, e a autora processou os dados no GoldVarb X para cada uma dessas variantes.

Tabela 3 - Resultado geral de ocorrências da lateral pós-vocálica

Variável dependente	Apl./Total	%
/l/	754/1184	64
/w/	351/1184	29
/Ø/	79/1184	7

Fonte: Silva (2013, p. 55).

Os dados da Tabela 3 denotam uma forte manutenção da variedade nativa dos informantes, prevalecendo a produção da lateral de forma velarizada mesmo em contato com a variedade do PB, no qual é mais comum a vocalização desse fonema quando em posição de coda silábica.

É interessante notar que, como ressalva a própria autora, é predominante a realização da lateral velarizada em coda silábica em relação ao total de ocorrências do fonema, representando 64% dos registros encontrados. Porém, é bastante expressivo o número correspondente à lateral vocalizada, à razão de 29%, tendo em vista que a língua de origem dos falantes (de dialetos africanos) possui como característica a lateral velarizada em coda silábica, o que demonstra um aparente processo de acomodação dialetal em andamento, visto que cerca de um terço das produções da lateral ocorreram à forma do PB. As ocorrências de

apagamento da lateral apareceram de forma inexpressiva, representando apenas 7% das situações observadas (SILVA, 2013).

Os resultados apresentados no parágrafo anterior nos dizem muito sobre a atitude linguística dos falantes em questão. Ao apresentarem uma proporção de 29% da lateral vocalizada, que é uma produção encontrada no PB, entendemos que os falantes estão demonstrando uma atitude de convergência ao dialeto em contato. Conforme mencionado na subseção em que tratamos da TA, essa estratégia (convergência) poderia estar relacionada a uma atitude negativa em relação ao próprio dialeto, mas não acreditamos ser esse o caso. Julgamos, porém, que a convergência está ocorrendo por uma possível tentativa de assemelhar a sua fala ao dialeto em contato, o que pode ser uma estratégia dos falantes com fins de se afirmarem mais fluentes na L2 (PB), falando de forma semelhante aos nativos desta.

Para a análise estatística, a autora realizou três rodadas no programa GoldVarb X, uma para obter os dados referentes a cada variante do /l/ pós-vocálico (/w, ɫ, Ø/). Nas duas primeiras rodadas, em que se investigou a aplicação das variantes vocalizada e velarizada (/w/ e /ɫ/, respectivamente), a única variável não considerada relevante pelo programa foi a extensão do vocábulo. Na terceira rodada, foram selecionadas apenas quatro variáveis como relevantes, que foram: posição na palavra, país de origem, contexto fonológico seguinte e tonicidade, nesta ordem.

Em resumo, as variáveis consideradas relevantes em cada rodada foram (da mais relevante para a menos relevante): a) valor de aplicação /w/: país de origem, tempo de exposição, tonicidade, posição na palavra, contexto fonológico anterior, estilo, contexto fonológico seguinte; b) valor de aplicação /ɫ/: país de origem, tempo de exposição, posição na palavra, contexto fonológico anterior, estilo, contexto fonológico seguinte, tonicidade; c) valor de aplicação /Ø/: posição na palavra, país de origem, contexto fonológico seguinte, tonicidade.

No Quadro 4, a seguir, é apresentada a ordem de importância de cada variável para cada tipo de ocorrência da lateral, de acordo com o programa. Silva (2013) dispõe tais resultados em quadros separados, mas optamos por dispô-los lado a lado como forma de proporcionar uma melhor comparação das variáveis frente aos três fenômenos.

Quadro 4 - Ordem de importância de cada variável para cada tipo de ocorrência da lateral

	Variáveis independentes mais influentes na vocalização da lateral (valor de aplicação: /w/)	Variáveis independentes mais influentes na manutenção da lateral velarizada (valor de aplicação: /ʎ/)	Variáveis independentes mais influentes no apagamento (valor de aplicação: /Ø/)
1ª	País de origem	País de origem	Posição na palavra
2ª	Tempo de exposição	Tempo de exposição	País de origem
3ª	Tonicidade	Posição na palavra	Contexto fonológico seguinte
4ª	Posição na palavra	Contexto fonológico anterior	Tonicidade
5ª	Contexto fonológico anterior	Estilo	-
6ª	Estilo	Contexto fonológico seguinte	-
7ª	Contexto fonológico seguinte	Tonicidade	-

Fonte: adaptado de Silva (2013, p. 56-57)

O quadro acima elucida que as variáveis país de origem e tempo de exposição, nesta ordem, foram as consideradas mais relevantes tanto no processo de vocalização como no processo de velarização do /l/. Já no fenômeno do apagamento da lateral, o tempo de exposição não foi considerado relevante e o país de origem “caiu” para a segunda posição no *ranking* das variáveis mais relevantes. Nesse caso, a variável mais relevante para o apagamento do /l/ foi a posição do segmento na palavra.

A propósito do apagamento, como bem observa a autora (2013, p. 60), este fenômeno

[...] não marca a identidade linguística da variedade da língua portuguesa brasileira (PB), tampouco da guineense ou cabo-verdiana. Talvez, então, se trate de um posicionamento sutil dos falantes na tentativa de marcar uma postura que não demonstre uma abertura irrestrita para absorver os traços do dialeto estrangeiro, mas também que não evidencie uma barreira cultural no sentido de evitar qualquer tipo de interferência linguística/miscigenação (SILVA, 2013, p. 60).¹⁶

A variável tonicidade foi considerada a terceira mais relevante no processo de vocalização da lateral e a sétima no fenômeno da velarização. Também compõe o restrito número de variáveis relevantes no processo de apagamento da lateral, aparecendo em quarto,

¹⁶ A esse propósito, linguistas como Gregory Guy atribuem o fenômeno do apagamento a questões muito mais linguísticas do que extralinguísticas/sociais, uma vez que se trata de uma variante condicionada linguisticamente. Porém, devido a entendermos que as menções de Silva (2013) são suficientes para a análise de seus resultados e estando cientes de que esta seção tem caráter mais descritivo das análises da autora, não nos aprofundaremos nessa discussão.

e último, lugar. Sobre esta variável, Silva (2013) observou que as sílabas tônicas são as que mais favorecem a vocalização da lateral, enquanto as sílabas átonas são as que mais favorecem a manutenção da lateral velarizada e, por fim, as sílabas pretônicas, embora favoreçam a manutenção da lateral velarizada, apresentam papel de destaque no apagamento da lateral.

A posição da sílaba que contém a lateral pós-vocálica foi a quarta variável mais relevante no processo de vocalização do /l/, a terceira na manutenção da lateral velarizada e a primeira no apagamento da lateral. Na análise da autora, as posições que mais favoreceram cada um dos fenômenos foram: a posição medial favoreceu mais a vocalização da lateral, enquanto as palavras monossílabas favorecem mais a manutenção da lateral velarizada e, por fim, a posição final aparece como a que mais favorece o apagamento da lateral.

A quinta variável que o estudo de Silva (2013) apontou como relevante no fenômeno da vocalização da lateral foi o contexto fonológico anterior. Essa mesma variável apareceu como a quarta mais relevante, de um total de sete variáveis relevantes, na manutenção da lateral velarizada, e não foi considerada relevante no processo de apagamento da lateral.

A variável estilo foi considerada a sexta variável mais relevante no processo de vocalização da lateral, e a quinta na manutenção da lateral velarizada, não tendo sido considerada como relevante no processo de apagamento da lateral. De acordo com a autora, “o estilo entrevista, caracterizado por apresentar a fala mais espontânea, demonstrou ser o mais favorável ao processo de acomodação dialetal [relativo à vocalização]” (SILVA, 2013, p. 72). Na sequência, vem o estilo leitura, mediante o qual os entrevistados liam textos que continham diversas ocorrências da lateral e, por fim, o estilo lista de palavras. Já na manutenção da lateral velarizada, ocorreu o oposto, e a sequência de variáveis mais relevantes, da mais para a menos relevante, foi: lista de palavras, leitura e entrevista.

A sétima e última variável considerada relevante para a vocalização do /l/ foi o contexto fonológico seguinte, que ficou na sexta posição de variáveis mais relevantes na manutenção da lateral velarizada e em terceira posição no *ranking* das variáveis que mais favorecem o apagamento da lateral. O contexto fonológico seguinte que mais favoreceu cada um dos fenômenos foi: a pausa favorece a vocalização, o contexto vocálico é o que mais favorece a velarização e, por fim, as consoantes dorsais são as que mais favorecem o apagamento da lateral.

Feitas tais considerações sobre o estudo de Silva (2013), avancemos para a análise do estudo de Johnson e Britain (2003), que analisaram a variação da lateral em coda silábica,

mas, diferentemente dos trabalhos anteriores, fizeram-no em língua inglesa, com falantes desta como LM.

Para entendermos os resultados a que chegaram os autores, é importante termos ciência do que vêm a ser fonemas marcados e fonemas não marcados, considerando que a visão dos autores é a de que, dadas as circunstâncias, predominantemente fonéticas, é esperada a emergência do *l escuro* vocalizado, o que deveria ser visto como uma emergência do **não-marcado**.

Dessa forma, Johnson e Britain (2003) dissertam sobre o que seria um fonema marcado ou não-marcado, valendo-se das ideias de Trubetzkoy (1939), Jakobson (1968), Stampe (1969), McCarthy e Prince (1994) entre outros. Essencialmente, a noção de marcação estaria relacionada a um par de elementos dicotômicos em que um dos termos possui uma marca especial que falta no outro termo¹⁷ (TRUBETZKOY, 1939, *apud* JOHNSON & BRITAIN, 2003, p. 3-4, tradução nossa).

Os autores (op. cit.) explicam que a tendência é que o fonema não-marcado emerja devido a ser estruturalmente mais simples e foneticamente mais natural, fazendo com que o fenômeno seja esperado no processo de mudança linguística. Sendo assim, na aquisição de linguagem pelas crianças, os autores afirmam que é muito comum haver a reposição de um fonema marcado por um não-marcado, e essas hipóteses são comprovadas com os resultados de sua pesquisa sobre a lateral, assegurando que há uma tendência por parte das crianças (variável *idade*), ao adquirirem o inglês, de substituírem o *l escuro* [ɫ] pela semivogal [w] ou mesmo pela vogal [u], motivo pelo qual há evidências de vocalização em estudos tanto sincrônicos como diacrônicos em muitas línguas. Explicam, ainda, que o *l escuro* é um segmento complexo com gestos¹⁸ tanto dorsais como coronais, e que a perda do gesto coronal direciona para um segmento estruturalmente mais simples¹⁹ (JOHNSON & BRITAIN, 2003, p. 7, tradução nossa). Logo, a vocalização surgiria como um fenômeno natural.

Os dados coletados evidenciaram que a vogal precedente longa é mais favorecedora da vocalização do que a vogal curta. Os resultados mostraram que os índices de vocalização por

¹⁷ Trubetzkoy's notion of markedness is essentially a logical one, in that for any bilateral opposition, one of the terms possesses a special 'mark' which the other lacks (p. 3-4).

¹⁸ O termo *gesto* (s), sempre que verificado em referência à pesquisa de Johnson e Britain (2003), corresponderá à tradução do termo *gesture* (s) encontrado na obra original.

¹⁹ [...] the unmarked is expected to emerge in language change, in early child language and cross-linguistically. Unmarked forms will tend to be phonetically more natural as well as structurally simpler. [...] Children acquiring English tend strongly to replace dark /l/ with /w/ or a vowel /u/, even when no vocalisation is apparent in the ambient dialect. Evidence of synchronic and diachronic vocalisation can be found in many languages. As far as the phonetic reality of dark /l/ is concerned, it is a complex segment with both dorsal and coronal gestures, the loss of the coronal gesture leads to a structurally simpler segment (p. 7).

adolescentes e jovens (até 30 anos) foram de 83% e 72%, respectivamente, quando a vogal precedente era longa. Por outro lado, quando a vogal precedente era curta, esses índices caíram para 77% nos adolescentes e 62% para os jovens. Curiosamente, o índice de vocalização nos falantes de 50 a 65 anos foi igual nos contextos de vogal precedente longa e curta: 24% (JOHNSON & BRITAIN, 2003).

Na sequência, os autores (op. cit.) fazem um panorama histórico sobre a vocalização da lateral, reafirmando que a tendência é de que esse fenômeno seja favorecido em comunidades linguísticas onde há distinção entre o /l/ *claro* e *escuro* ou em comunidades que predominantemente produzem o *l escuro*.

Sobre o contexto precedente ao /l/ silábico, os autores afirmam que os pontos de articulação que apresentam maior afinidade com a articulação do fonema demonstram efeito inibidor sobre a vocalização, nas seguintes proporções: coronal: 31%, dorsal: 42%. Já os pontos de articulação que não compartilham traços com a lateral favorecem o fenômeno, conforme resultados: labial, 50%; glotal, 51% (JOHNSON & BRITAIN, 2003).

Os autores (op. cit.) consideraram intrigante o fato de a consoante dorsal precedente apresentar-se como inibidora do fenômeno da vocalização, o que seria, de acordo com os autores, efeito do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório), segundo o qual o ponto dorsal é compartilhado pela consoante precedente e pelo gesto vocálico envolvido no *l escuro* [ɫ], mas a maneira do gesto não leva à liberação lateral. Uma parada dorsal como [k] envolve um fechamento no dorso, enquanto o /l/ vocalizado não envolve tal fechamento.

Johnson e Britain (2003) deixam claro que é certo que o processo de vocalização não está, de maneira alguma, completo na região de Fens, configurando-se como uma mudança linguística em curso.

A respeito da vocalização da lateral antes de vogais (como nos exemplos fornecidos pelos autores das expressões *trouble is*; *all empty*), os autores asseveram que o fenômeno praticamente inexistente, tendo sido encontradas apenas duas ocorrências em todo o corpus da pesquisa na região de Fens. Constatou-se, entretanto, que os falantes produzem uma lateral relativamente *clara* nos contextos pré-vocálicos. Em outros dialetos, porém, a vocalização é amplamente verificada, como nos estudos do inglês de Londres (TOLLFREE, 1999), da Austrália e Nova Zelândia (HORVATH & HORVATH, 2001), de Cambridge (WRIGHT, 1989), de Southend e Colchester (SPERO, 1996).

As conclusões de Johnson e Britain (2003) permeiam o que os autores já vinham sinalizando ao longo de sua pesquisa, ou seja, o fenômeno da vocalização da lateral é natural

e esperado nas comunidades linguísticas que já desenvolveram a dicotomia do *l claro* [l] e *l escuro* [ɫ].

Os autores (op. cit.) afirmam, ainda, que as comunidades resistentes à expansão dessa vocalização são aquelas em que a referida dicotomia ainda foi desenvolvida tardiamente. Na visão dos autores, e considerando suas análises fonéticas, o *l escuro* deveria não apenas ser vocalizado, mas também desenvolvido na rima.

Dessa forma, os autores afirmam que se espera que a mudança linguística siga na direção do não-marcado, visto que os autores objetivaram demonstrar, de modo tanto sincrônico como diacrônico, que a vocalização do /l/ é não-marcada, mostrando tanto contextos que favorecem como contextos que desfavorecem o fenômeno.

Os autores questionam por que a vocalização do /l/, enquanto processo natural e esperado, não foi desenvolvido em todos os dialetos da língua inglesa. Interessante perceber que a resposta é fornecida logo em seguida: ocorre que a vocalização do /l/ é um processo menos saliente do que algumas mudanças que acontecem na língua.

Finalizando a análise do estudo de Johnson e Britain (2003), analisemos agora a pesquisa de Horvath e Horvath (1997), que também segue a perspectiva do inglês como língua materna.

Cada um dos falantes reproduziu 79 palavras que poderiam apresentar o fenômeno em análise. Assim, foram coletados 13.509 dados (palavras), dos quais 175 foram excluídos por razões diversas (ruídos, omissões etc.). Logo, a análise dos autores deu-se sobre 13.334 dados, que foram processados no *software* Goldvarb.

Conforme dito anteriormente, os autores não buscaram entender se os contextos fonológicos favorecem ou desfavorecem a variação, mas sim o quanto esta variação pode ser explicada do ponto de vista geográfico, embora também apresentem resultados de acordo com as variáveis linguísticas contexto fonológico anterior, contexto fonológico posterior e tipo de /l/. Como resultado, foi verificado um percentual de 20,88% de vocalização no total da amostra, correspondendo a 2.784 ocorrências das 13.344 possíveis.

Os autores verificaram que o fator social apresenta-se relevante no processo de vocalização da lateral, com fator de .93, mantendo um padrão geográfico: as taxas de vocalização foram verificadas, em ordem decrescente, em: Mount Gambier, Hobart, Sydney, Melbourne e Brisbane, e essa mesma ordem se apresentou em todas as variáveis sociais analisadas (idade, classe social ou gênero).

Os resultados mencionados acima são mostrados na Tabela 4, a seguir, cujos dados sublinhados, ressaltam os autores, referem-se a células com dados que não se encaixam no

padrão implicacional e, mesmo com a lista ainda não analisada de fatores linguísticos, a medida de reprodutibilidade foi de .93, com tolerância de 5%²⁰:

Tabela 4 - Variáveis sociais x localidade

Social Factors	G	H	S	M	B
Percentage of Vocalizations					
29 or below	37	31	26	15	9
female	36	27	28	14	9
working class	35	25	<u>31</u>	11	8
30 or over	29	21	14	11	7
male	31	24	18	10	5
middle class	27	22	<u>34</u>	9	2

Reproducibility (5% tolerance): $1 - 2/30 = .93$

Fonte: Horvath e Horvath (1997, p. 116).

Embora a análise de variáveis linguísticas não tenha sido o foco dos autores, eles verificaram que a lateral /l/ é mais vocalizada em contextos fonológicos posteriores (consoantes dorsais e vogais posteriores) do que em contextos fonológicos anteriores (consoantes coronais e vogais anteriores)²¹, conforme sugerido na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5 - Dimensão de posterioridade-anterioridade x localidade

Linguistic Dimension	Linguistic Factors	G	H	S	M	B
Percentage of Vocalization						
BACK	/l/+dorsal	78	48	51	33	33
	high/back V+/l/	54	52	33	28	16
	dorsal+syll /l/	56	20	<u>30</u>	24	4
	coronal+syll /l/	31	11	14	9	3
	low/front V+/l/	14	<u>21</u>	13	2	1
FRONT	/l/+coronal	11	10	15	2	3

Reproducibility (5% tolerance): $1 - 3/30 = .90$

Fonte: Horvath e Horvath (1997, p. 117).

Outro resultado importante é verificado na Tabela 6, a seguir, em que são mostradas as taxas de vocalização da lateral de acordo com o contexto fonológico seguinte:

²⁰ “The cells that do not fit the implicational pattern are underlined and even with the as yet unanalysed list of linguistic factors, the reproducibility measure is a respectable .93, given 5% tolerance” (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 116, tradução nossa).

²¹ “[...] /l/s are vocalized more often when in the context of back sounds (dorsal consonants and back vowels) than they are in the context of front sounds (coronal consonants and front vowels)” (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 116, tradução nossa).

Tabela 6 - Contexto fonológico seguinte (palavra terminada em /l/) x localidade

/l/##X	G	H	S	M	B
Percentage of Vocalizations					
Consonant	43	35	30	18	6
Pause	35	26	23	11	9
Vowel	19	8	12	6	1

Reproducibility ($\pm 5\%$ tolerance): 1

Fonte: Horvath e Horvath (1997, p. 117)

Os dados da tabela acima permitiram aos autores inferirem que, em todas as localidades estudadas, a lateral é mais vocalizada quando seguida por uma consoante do que quando seguida por uma pausa e o menor índice de vocalização ocorre quando seguida por uma vogal²² (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 117, tradução nossa). Observamos, porém, que na localidade de Brisbane (B, na Tabela 6), quando o contexto fonológico seguinte é uma pausa, o percentual de vocalização é maior.

Ainda em relação a variáveis linguísticas, a Tabela 7, a seguir, mostra os resultados da análise dos autores quanto à vocalização da lateral de acordo com o seu tipo (se agrupado, silábico ou em coda). Vejamos:

Tabela 7 - Tipo de /l/: agrupado, silábico ou coda x localidade

Type of /l/	G	H	S	M	B
Percentage of Vocalizations					
Clustered	41	35	28	15	9
Syllabic	29	10	<u>16</u>	10	3
Coda	19	19	21	6	9

Reproducibility ($\pm 5\%$ tolerance): $1 - 1/15 = .93$

Fonte: Horvath e Horvath (1997, p. 118)

A análise dos autores para a tabela acima foi a de que a vocalização ocorre mais frequentemente em todas as localidades quando o /l/ é agrupado (como no vocábulo *milk*). A exceção é na comunidade de Brisbane, onde a vocalização apresentou taxas semelhantes quando o /l/ é agrupado e quando está em posição de coda silábica. Na sequência, a maior taxa de vocalização ocorre quando o /l/ é silábico (como em *people*) e, por fim, o /l/ é menos vocalizado quando em posição de coda (como em *feel*)²³ (HORVATH & HORVATH, 1997,

²² “[...] /l/s vocalize everywhere more when followed by a consonant than when followed by a pause and least of all when followed by a vowel” (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 117, tradução nossa).

²³ “[...] vocalization occurs most often in every speech locality (with one exception) when /l/ is clustered (as in *milk*), followed by when it is syllabic (as in *people*) and least when it is a coda (as in *feel*)” (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 117, grifos dos autores, tradução nossa).

p. 117, grifos dos autores, tradução nossa), embora tenhamos verificado, de acordo com os dados da Tabela 7, que nas comunidades de Hobart, Sydney e Brisbane as maiores ocorrências da vocalização correspondem àquelas em que o /l/ está em posição de coda silábica. No geral, os resultados encontrados pelos autores vão de encontro ao que esperamos em nossa pesquisa, pois nossa hipótese é a de que os falantes brasileiros, no momento da fala em língua inglesa, irão apresentar taxas de vocalização expressivas quando a lateral ocupar a posição de coda silábica, conforme ocorreu em Hobart, Sydney e Brisbane.

Sobre resultados acima, os autores comentam: “esses fatos diferem de nossos relatos anteriores sobre Adelaide [cidade australiana, objeto de estudo anterior dos autores], onde o /l/ foi categoricamente uma consoante quando seguido por uma vogal e o /l/ silábico foi mais frequentemente vocalizado” (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 117, tradução nossa)²⁴.

Por fim, os autores apresentam os resultados dos percentuais de vocalização por idade, separando os falantes com até 29 anos dos falantes com 30 anos ou mais, conforme Tabela 8, a seguir:

Tabela 8 - Idade x localidade

Age	G	H	S	M	B
Percentage of Vocalizations					
29 and below	37	31	26	15	9
30 and over	29	21	14	11	7

Reproducibility: 1

Fonte: Horvath e Horvath (1997, p. 118)

Considerando que as taxas de vocalização, em todas as localidades, foram maiores nos falantes mais jovens, os autores interpretaram que o fenômeno representa uma mudança linguística em progresso.

A análise do fenômeno de mudança linguística sob uma perspectiva geográfica evidenciou aos autores que

Estes resultados contrariam as expectativas da maioria dos australianos, que não imaginariam que inovações [linguísticas] se iniciam no sul da Austrália e se espalham pelo resto do país. [...] a maior parte dos estudos de fato mostram que geralmente as inovações [linguísticas] na Austrália ocorrem na hierarquia urbana no sentido para baixo, ao invés de baixo para cima. Voltamo-nos, agora, para uma discussão geolinguística e seu potencial para contribuir para a nossa habilidade de

²⁴ “These facts differ from our earlier report on Adelaide where /l/ was categorically a consonant when followed by a vowel and syllabic /l/s were most frequently vocalized” (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 117, tradução nossa).

explicar a mudança linguística na perspectiva do tempo e do espaço (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 120, tradução nossa)²⁵.

Os autores concluem que, apesar de haver uma tendência nos estudos do inglês australiano de acreditar que o dialeto de Sydney é um modelo para toda a variedade do inglês do país, a capital australiana não é a cidade que lidera a mudança linguística em estudo e, apesar de ser, à época da pesquisa, uma cidade com mais de três milhões de pessoas (o que a classifica como uma *primate city*, assim como Melbourne), estudar apenas estas cidades não é suficiente para conhecer a variação linguística no inglês australiano.

Os autores também chamam atenção para o fato de que a perspectiva geográfica utilizada em seu estudo traz importantes contribuições para estudos dialetais, aos quais precisa, assim, ser restabelecida, pois consideram que a geolinguística traz uma concepção moderna da geografia ao campo da sociolinguística. Sob este viés, a geolinguística é vista como uma abordagem para a variação linguística que abrange as perspectivas linguística, social e geográfica.

Concluída a análise da pesquisa de Horvath e Horvath (1997), iniciaremos a seguir a análise do estudo de Baratieri (2006), que também estudou a vocalização da lateral no inglês, mas considerando esta na perspectiva de L2 para falantes brasileiros.

O autor (op. cit.) sintetiza as características do /l/ no inglês britânico, no americano e no PB afirmando que, de um lado, essas três variedades realizam o /l/ de forma semelhante quando este está em posição de *onset* (início de sílabas), apresentando características fonéticas do *l claro*. Por outro lado, quando o /l/ ocupa a rima silábica, é predominantemente realizado como *l escuro* tanto no inglês britânico como no americano, enquanto no PB é realizado geralmente com nenhuma ou com poucas características do gesto consonantal.

Os dados coletados foram processados pelo programa Praat, versão 4.4.12, no qual se buscou verificar a presença ou ausência de três aspectos, quais sejam: a) gesto consonantal, que denotaria que o fonema compartilha traços característicos das consoantes laterais; b) arredondamento labial, característico de produções vocálicas posteriores, e c) formantes nasais, de sons característicos.

²⁵ “These results, would not meet the expectations of most Australians who would not imagine that innovations begin in South Australia and spread to the rest of Australia. As we have noted, most studies in fact do show that in general innovations in Australia move down the urban hierarchy rather than up from below. We now turn to a discussion of geolinguistics and its potential for adding to our ability to account for language change over time and space” (HORVATH & HORVATH, 1997, p. 120, tradução nossa).

Para melhor entendimento dos resultados da pesquisa em análise, vejamos a forma com que o autor codificou os dados da produção do /l/: a) “L”, quando o gesto mais saliente foi consonantal, enquanto o arredondamento labial era ausente, indicando que a realização do fonema não foi vocalizada; b) “Lwo” ou “Lw”²⁶, quando havia indicação tanto do gesto consonantal como do arredondamento labial, significando que a realização do /l/ foi parcialmente vocalizada; c) “W” ou “Wo”²⁷, quando o gesto mais saliente é o arredondamento labial, enquanto o gesto consonantal ausente, fazendo a produção ser considerada vocalizada, e d) “N”, quando o /l/ é classificado com traços de nasalização. Havendo outras características nas produções de /l/, outros códigos foram utilizados, sendo julgados como produções com ausência das características em análise.

Baratieri (2006) sinaliza que seu estudo não buscou investigar a precisão da realização do /l/, mas sim a sua vocalização considerando o efeito do contexto fonológico seguinte e, por isso, agrupou as produções dos participantes de acordo com o grau de vocalização da lateral. No total, foram verificadas cinco produções de /l/ distintas, que chamaremos de variantes e que ele agrupou em três: a) as produções nas quais se verificasse apenas arredondamento labial, sem gesto consonantal (codificadas como “W” ou “Wo”) foram consideradas como totalmente vocalizadas, e a elas era atribuído o peso 10; b) as produções em cuja análise se verificasse tanto o gesto consonantal como o arredondamento labial (codificadas como “Lw” ou “Lwo”) foram classificadas como parcialmente vocalizadas, de peso 5; c) as produções cuja análise apontasse apenas o gesto consonantal (codificadas como “L”) foram classificadas como não-vocalizadas, peso zero. Todas as demais produções foram consideradas como valores nulos (incluindo as produções codificadas como “N”, mencionadas anteriormente). No total, foram registradas 2.134 produções válidas.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado através do programa SPSS para Windows 10.0. Os resultados e discussão denotam que: a) o menor percentual de frequência foi apresentado pela produção não-vocalizada (“L”), que totalizou 2,7% das ocorrências, o que corresponde a 57 produções com movimentos exclusivamente consonantais dentre as 2.134 válidas; b) a produção parcialmente vocalizada (“Lw”) foi a que apresentou o maior percentual de frequência, à razão de 61,8%, o que indica que 1.319 produções do /l/ foram realizadas com movimentos tanto vocálicos como consonantais; c) a produção vocalizada

²⁶ Conforme nota do autor, a diferença entre os símbolos se deve à diferença da qualidade vocálica em relação à altura. “wo” assemelha-se mais a /ɒ/ ou /ɔ/ e “w” é mais semelhante a /u/ ou /ʊ/.

²⁷ Vide nota acima.

(“W”) – apresentou frequência de 35,5%, ou seja, 758 das 2.134 produções válidas apresentaram movimentos exclusivamente vocálicos.

Baratieri (2006) considera que se poderia ser afirmado que os participantes da pesquisa transferiram o /l/ do PB para o /l/ em coda silábica no inglês, visto que tanto a variante *vocalizada* quanto a *parcialmente vocalizada* ocorrem no PB. A esse respeito, o autor menciona que parece haver uma mudança na direção do menos marcado, ou seja, o /l/ *claro* [l] evolui para o *escuro* [ɫ], que evolui para o parcialmente vocalizado [ɫ^w], que, finalmente, evolui para a forma vocalizada [w]. Já em sua pesquisa, os resultados parecem indicar que os participantes da pesquisa estão trilhando a direção oposta, partindo do menos marcado ([w]) para o mais marcado ([ɫ]), pois mais da metade das produções foi parcialmente vocalizada ([ɫ^w]). Isso, na visão do autor, pode indicar mais desenvolvimento interlinguístico do que a transferência da língua materna, pois esta transferência aumentaria a produção da variante vocalizada ([w]).

Esse entendimento do autor de que pode estar havendo um desenvolvimento interlinguístico decorre do fato de que, na língua materna (PB), o fenômeno da vocalização é mais comum do que o da velarização ou da semivocalização. Dessa forma, se o principal fator atuante fosse a transferência da língua materna, as ocorrências de vocalização seriam mais recorrentes. No entanto, como a maior ocorrência foi a da semivocalização, processo não muito comum nem na LM nem na L2, os falantes estão em um processo de desenvolvimento interlinguístico, mesclando o processo da velarização (mais comum na L2) com o da vocalização (mais comum na LM).

Nesse contexto, Araújo (2014, p. 44-45) define a interlíngua como

o sistema linguístico do falante não nativo, numa determinada etapa do processo de aprendizagem, que se constrói de forma processual e criativa, considerando os erros como amostra das estratégias de aprendizagem. É diferente tanto da língua nativa quanto da língua meta e se caracteriza por ter uma gramática pouco estável, em contínua mudança, constituída por um conjunto de regras da gramática da língua que se pretende aprender (ARAÚJO, 2014, p. 44-45).

Ainda em relação ao desenvolvimento interlinguístico e de forma semelhante às definições de Araújo (op. cit.), Selinker (1972, *apud* HAHN, 2010, p. 19, grifos da autora) considera que

os aprendizes de L2 podem realizar uma estrutura que não existe nem na L2 nem na L1, ou seja, possuem uma *gramática interlinguística*, assim chamada porque possui influências tanto da primeira, quanto da segunda língua dos aprendizes e possui

características de ambas as línguas (SELINKER, 1972, *apud* HAHN, 2010, p. 19, grifos da autora).

Nestes termos, os resultados apresentados no estudo de Baratieri (2006), com maior número de ocorrências da variante parcialmente vocalizada ([l^w]), podem ser decorrentes do esforço dos participantes para produzir a lateral em coda silábica da forma mais semelhante possível com a produção que fariam os nativos do inglês, apresentando características de uma língua “mista”, que contém características tanto da L1 como da L2.

Os efeitos do contexto fonológico analisados pelo autor permitiram-no fazer as seguintes inferências:

- a) os contextos fonológicos de *pausa e consoante na palavra seguinte* favorecem significativamente mais a vocalização do que *consoante na mesma palavra* e a diferença entre a interferência da *pausa* e da *consoante na palavra seguinte* não foi significativa;
- b) quando o contexto fonológico seguinte é de *consoantes desvozeadas*, o fenômeno da vocalização é significativamente mais favorecido do que pelo contexto das *consoantes vozeadas*, seja na mesma palavra ou na palavra seguinte;
- c) quanto ao *ponto de articulação*, independentemente da posição da consoante (se na mesma palavra ou na palavra seguinte), a vocalização da lateral em coda silábica ocorreu mais frequentemente (por ordem decrescente de favorecimento) antes de bilabiais, labiodentais, velares, pós-alveolares e, finalmente, antes de alveolares;
- d) a forma de articulação da consoante seguinte ao /l/ não é fator decisivo que causa vocalização;
- e) o *ponto de articulação* é fator decisivo na vocalização do /l/ em coda silábica no inglês.

Concluída a análise da pesquisa de Baratieri (2006) e seguindo na perspectiva de inglês como L2 por falantes brasileiros, passaremos a seguir para a análise da pesquisa de Hahn (2010), última pesquisa selecionada para ser tratada neste trabalho.

Os resultados da pesquisa apontam, em relação à variável dependente, um equilíbrio entre as variantes. Do total de 1.377 dados válidos, a vocalização ocorreu em 49,2%, fazendo a autora inferir que houve um comportamento distinto entre a realização do /l/ no inglês e a realização desse fonema em língua materna, pois a literatura aponta predominância elevada da

vocalização do /l/ em posição final no PB na capital gaúcha e região metropolitana, de onde é a maioria dos participantes da pesquisa. Esse percentual considerável de vocalização vai de encontro à hipótese da autora, de que haveria muito mais ocorrências do *l escuro* [1].

Também foram frustradas as hipóteses da autora de que os contextos fonológicos anteriores (tanto o vocálico como o consonantal) exerceriam influência no processo de vocalização. O programa de tratamento estatístico *Goldvarb X* não selecionou nenhuma dessas variáveis como relevantes para o fenômeno sob investigação.

Em relação à hipótese de ressilabação resultante o /l/ em coda seguido de palavra iniciado com vogal, em que o /l/ tomaria a posição de *onset* da palavra seguinte, inibindo a vocalização, a autora também se surpreendeu ao verificar que a ressilabação parece não estar atuando nos dados considerados, pois esta variável não foi selecionada pelo programa como sendo relevante. Os resultados apresentaram que os percentuais de ocorrências de vocalização com a palavra seguinte iniciando com vogal atingiram o patamar de 49,1%, contra 49,2% de vocalização quando à coda silábica seguia uma pausa ou uma palavra iniciada por consoante. Em outras palavras, todos esses fatores das variáveis independentes permearam o ponto neutro, não sendo relevantes, de acordo com o *software*, para o fenômeno da vocalização, cenário que a autora interpreta como distinto do que o que aconteceria em língua materna. Por isso, ela alega que os resultados sugerem uma manipulação da ressilabação com certo nível de consciência do falante.

Também houve a hipótese de que o sexo exerceria certa influência no processo de vocalização. A autora afirma que não foi possível verificar qual seria a forma prestigiada pelos falantes no fenômeno em análise e se esse eventual prestígio estaria relacionado ao sexo. Os resultados da pesquisa, segundo a autora, apenas a indicam a proporção de vocalização por mulheres e homens do PB, que indicam 50,6% de vocalização pelas mulheres, perante 45,7% de vocalização pelos homens. Observamos, aqui, que os dados poderiam indicar uma precisão maior, ou seja, poderiam indicar se a variável sexo exerce influência no fenômeno da vocalização, se a amostra da pesquisa contivesse representantes de cada sexo de forma ortogonal, apresentando a mesma quantidade de informantes para ambos os sexos (conforme delimitação da amostra, esta foi composta por 7 homens e 18 mulheres, havendo desequilíbrio significativo). Mesmo assim, a autora considera que os seus procedimentos metodológicos atenderam aos objetivos iniciais.

A autora também apresentou a hipótese de que o grau de proficiência dos aprendizes exerce alguma influência na vocalização da lateral. Em relação a essa hipótese, as expectativas da autora foram frustradas, pois ela esperava que a vocalização ocorresse com

maior frequência no nível G (que, em sua amostra, corresponde ao nível de inglês elementar, representado por um único sujeito). O maior peso relativo foi apresentado pelo nível E, cujos representantes, de acordo com a autora, são considerados “usuários competentes” na língua. Ela interpreta tais dados pela vertente dos chamados *erros de desenvolvimento*, buscando respaldo em Archibald (1998), o que quer dizer que o aprendiz em nível inicial de proficiência (como o falante de nível G em seu estudo) apresenta baixo índice de erros de desenvolvimento, índice este que aumenta no nível intermediário e diminui ao passo que o nível de proficiência aumenta. Novamente, acreditamos que um equilíbrio na quantidade de informantes de cada nível poderia resultar em resultados mais precisos, embora a autora considere que o teste escolhido na metodologia, por ser bastante reconhecido, dá as devidas sustentações aos resultados apresentados.

Quanto ao fato de as variáveis linguísticas não terem sido consideradas como relevantes, por não terem sido selecionadas nas rodadas do programa *Goldvarb X*, a autora sintetiza uma nova hipótese: a de que a vocalização não possui caráter assimilatório, mas que seja um fenômeno de lenição, explicável foneticamente, por propriedades inerentes à articulação do /l/ que se manifestam mais fortemente no contexto de coda.

Também é interpretado pela autora que a variação entre as formas vocalizada ([w]) e velarizada ([ɰ]) no mesmo falante sugere que este seja um processo fonológico mais simplificado do que aquele expresso pela regra telescópica (que se inicia nas grandes cidades), apresentado por Quednau (1993), conforme mencionamos nesta pesquisa. Hahn entende que há uma naturalidade na passagem de /l/ para [w].

A autora destaca que, em relação aos informantes, existe uma grande variação entre os pesos relativos dentro de um mesmo nível de inglês. Tais variações, afirma, poderiam, talvez, ser atribuídas a fatores como sexo, idade, escolaridade, região geográfica e classe social, fatores que não foram controlados no estudo.

A pesquisa revela, ainda, que outros fatores de ordem social também poderiam exercer influência nessa variação, tais como: relações sociais mais imediatas, atividades de lazer com a língua-alvo, experiência no exterior etc.

A autora finaliza seu estudo entendendo seus resultados como compatíveis com aqueles apresentados por Baratieri (2006), sugerindo que há um processo de desenvolvimento interlinguístico operando na aquisição de /l/ no inglês como L2 pelos participantes da sua pesquisa.

Feitas tais considerações, concluímos a primeira parte de nossa análise, que consistiu na exposição dos resultados das pesquisas que nos servem de subsídio para cumprimento do

nosso objetivo. Passemos, agora, para o efetivo confronto de resultados de tais pesquisas, de modo a identificarmos o que elas nos apresentam em comum.

3.3 CONFRONTAMENTO DE DADOS

Iniciemos por dispor de forma gráfica os autores de acordo com os tipos de pesquisa abordados em nosso estudo, como forma de melhor visualizar o perfil de tais pesquisas, conforme Quadro 5, a seguir. Por tipo de pesquisa, entenda-se a língua em foco (se PB ou inglês, como LM ou L2).

Quadro 5 - Disposição gráfica das pesquisas em análise

Perspectiva de língua	PB como LM	PB como L2	Inglês como LM	Inglês como L2
Autores	Quednau (1993)	Santos (2020)	Johnson e Britain (2003)	Baratieri (2006)
	Collischonn e Quednau (2009)			
	Pinho e Margotti (2010)			
	Moura (2009)	Silva (2013)	Horvath e Horvath (1997)	Hahn (2010)
	Hora (2006)			

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme se pode verificar no Quadro 5, há um número bem mais expressivo de pesquisas que abordam o PB como LM e esclarecemos, novamente, que esse fato se dá em razão de o pesquisador pretender dar um foco maior à compreensão do fenômeno em sua própria LM.

Com fins de facilitar a visualização dos resultados a que cada pesquisa elencada no Quadro 5 chegou, exporemos também em quadro as variáveis independentes, tanto linguísticas como extralinguísticas, investigadas em cada uma delas, destacando quais destas

variáveis foram identificadas como sendo mais relevantes para a vocalização da lateral /l/ em coda silábica.

Didaticamente, separaremos os resultados por tipo de língua em foco na pesquisa. A distribuição dos dados nos quadros será feita da seguinte forma: a primeira coluna elencará todas as variáveis independentes encontradas no conjunto das pesquisas; as colunas seguintes irão se referir aos estudos analisados e serão subdivididas em duas: uma em que indicaremos se a variável independente estava sendo controlada na pesquisa, codificando com a letra P – presente – ou hífen, indicando ausência²⁸, e outra identificando se a variável foi considerada relevante no estudo do fenômeno. Em caso positivo, marcaremos a variável com um X; em caso negativo, também utilizaremos o hífen.

Dessa forma, descrevemos no Quadro 6, a seguir, a legenda para entendimento dos quadros distributivos das variáveis:

Quadro 6 - Legenda para os próximos quadros

Dado	Significado
P	Variável controlada no estudo
X	Variável considerada relevante após análise dos dados pelos autores
- (hífen), quando no lugar de P	Variável não controlada no estudo
- (hífen), quando no lugar de X	Variável controlada no estudo, porém não julgada relevante após análise dos autores
	Variável controlada por todos os estudos e considerada relevante em todos eles

Fonte: elaborado pelo autor.

Iniciemos com as pesquisas que abordaram o PB como LM em suas diversas variedades, que totalizam cinco estudos. Vejamos no Quadro 7, a seguir, a distribuição das variáveis independentes de cada pesquisa:

²⁸ A preferência pelo hífen em detrimento das letras que indicariam oposição (“A” para “ausente” e “N” ou “I” para “não relevante” ou “irrelevante”) ocorreu pelo fato de considerarmos que o hífen daria, esteticamente, uma aparência mais “limpa” para a visualização dos dados.

Quadro 7 - Variáveis independentes nas pesquisas que abordam o PB como LM

Pesquisa Variáveis independentes	Quednau (1993)		Collischonn e Quednau (2009)		Pinho e Margotti (2010)		Moura (2009)		Hora (2006)	
Grupo étnico/localidade	P	X	P	X	P	X	-	-	-	-
Gênero/Sexo	P	X	P	X	P	-	P	X	P	X
Idade/Faixa etária	P	-	P	X	P	X	P	X	P	X
Acento/Tonicidade	P	X	P	X	-	-	P	X	P	X
Contexto fonológico precedente	P	X	P	X	P	X	P	X	P	X
Contexto fonológico seguinte	P	X	P	-	-	-	P	X	P	-
Posição da coda na palavra ²⁹	P	X	P	X	-	-	P	-	-	-
Sândi	P	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Escolaridade	-	-	P	X	P	-	P	X	P	X
Classe de palavra	-	-	P	-	-	-	-	-	-	-
Extensão do vocábulo	-	-	-	-	-	-	P	X	P	X

Fonte: elaborado pelo autor.

Conforme esclarecido no Quadro 6 quando das definições da legenda, destacamos, no Quadro 7, a variável independente que foi controlada em todas as pesquisas que abordaram o PB como LM e foi considerada como relevante em todas elas. Trata-se do contexto fonológico precedente.

O Quadro 7 nos proporciona uma visualização comparativa que nos permite tirar as seguintes conclusões, em termos de PB como LM:

- Nas variedades do PB, em todas as pesquisas selecionadas suspeitou-se de alguma relevância da variável contexto fonológico precedente para a vocalização da lateral em posição de coda silábica e todas elas apresentaram dados que comprovaram a relevância desta variável;
- Poderíamos pensar em um paralelismo no sentido de julgar que o contexto fonológico seguinte seria tão influente no fenômeno como o contexto precedente,

²⁹ Nos estudos analisados, frequentemente se vê essa variável definida como “posição da lateral” ou “posição da consoante”, mas optamos por classificá-la como “posição da coda na palavra” porque, em todos os casos, referiam-se de fato à posição da coda, se medial ou final. A nomenclatura “posição da coda na palavra” em detrimento de “posição da lateral” extingue o risco de confundir esta última classificação com a posição de qualquer lateral presente na palavra, o que deixaria a entender que seria analisada, também, o /l/ em posição de ataque.

porém nem todas as pesquisas analisadas supuseram que o contexto seguinte seria relevante (já que não controlaram essa variável) e, mesmo assim, das quatro pesquisas que a controlaram, duas apresentaram resultados que a apontam como não relevante;

- c) As variáveis localidade, tonicidade e extensão do vocábulo aparentam ser de fato muito relevantes para o fenômeno, pois, embora não tenham sido controladas em todos os estudos analisados, todos aqueles que as controlaram acabaram por descobrir que elas foram selecionadas como relevantes após o processamento dos dados;
- d) As variáveis gênero e faixa etária foram controladas em todas as pesquisas, das quais apenas uma deixou de considerar o gênero como variável relevante e outra deixou de considerar a variável faixa etária, ou seja, as variáveis possuem uma relevância bastante expressiva, o que é curioso porque são variáveis *extralinguísticas*, ou sociais, que foram “superadas”, por assim dizer, apenas pela variável *linguística* contexto fonológico precedente. Resultados como esse reafirmam a importância de se estudar o fator social em meio aos estudos da linguagem;
- e) As variáveis posição da coda na palavra e escolaridade não foram controladas em todas as pesquisas e, daquelas que as controlaram, ainda houve pesquisas cujos resultados não as apontaram como relevantes para o fenômeno da vocalização da lateral;
- f) As variáveis sândi e classe de palavra foram controladas apenas por uma pesquisa cada e, mesmo assim, não foram selecionadas como relevantes nas respectivas análises.

Das interpretações acima, destacamos as seguintes variáveis, por terem sido classificadas como relevantes em todos ou na maioria dos estudos que as controlaram: a) variáveis linguísticas: tonicidade, contexto fonológico precedente, posição da lateral e extensão do vocábulo; b) variáveis extralinguísticas/sociais: localidade, gênero, faixa etária e escolaridade.

Vejamos no Quadro 8, a seguir, a disposição das variáveis independentes controladas nos estudos de Santos (2020) e Silva (2013), que também averiguaram a realização da lateral em coda silábica no PB, mas sob a perspectiva do PB como L2.

Quadro 8 - Variáveis independentes nas pesquisas que abordam o PB como L2

Pesquisa Variáveis independentes	Santos (2020)		Silva (2013)	
Posição da coda na palavra	P	X	P	X
Contexto fonológico anterior	P	X	P	X
Contexto fonológico seguinte	-	-	P	X
Sexo/gênero ³⁰	P	X	-	-
Tempo de exposição	P	X	P	X
Instrumento de coleta	P	X	-	-
Estilo	-	-	P	X
País de origem ³¹	-	-	P	X
Tonicidade	-	-	P	X
Extensão do vocábulo	-	-	P	-

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 8, acima, percebemos três pontos de convergência entre as pesquisas, ou seja, três variáveis que as duas autoras controlaram e acabaram por identificá-las, mediante processamento dos dados, como relevantes para o fenômeno em análise. Trata-se das variáveis posição da consoante, contexto fonológico anterior e tempo de exposição. Ressaltamos que a variável sexo não foi averiguada na pesquisa de Silva (2013) devido a esta variável não ter sido distribuída de maneira ortogonal na composição do *corpus*.

A esse propósito, aliás, acreditamos que, caso a variável sexo tivesse sido analisada, teria sido identificada como relevante, tendo em vista os resultados a que chegaram as pesquisas que a avaliaram e levando em consideração que as variantes concernentes à vocalização e ao apagamento, em termos de LM, de certa forma podem ser vistas como polarizadas no que tange ao prestígio social. Isso porque, de acordo com Coelho *et al* (2012, p. 79, grifo nosso), “alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens. Elas, em geral, **preferem usar as variantes valorizadas socialmente**; é como se elas fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola”. Isso, inclusive, vem sendo modificado e faz referência ao papel da mulher na vida pública e na sociedade, segundo os mesmos autores, que afirmam que “o comportamento conservador é muitas vezes espelho da

³⁰ Conforme dito anteriormente, Silva (2013) controlou, inicialmente, as variáveis sexo, idade e se o informante residia com conterrâneo, mas optou por descartar essas variáveis em decorrência do pequeno número de informantes para representação significativa.

³¹ Assumimos, neste trabalho, que a variável “país de origem” controlada por Silva (2013) é equivalente à variável “localidade”, controlada por outras pesquisas analisadas neste estudo.

história particular e das histórias culturais das diferentes regiões” (COELHO *et al*, 2012, p. 79). Aqui, associamos essas afirmativas novamente a uma atitude linguística das mulheres de forma a posicioná-las, socialmente, mais conservadoras que os homens, embora os próprios autores informem que esse comportamento está em modificação.

Outro dado interessante que podemos observar do Quadro 10 é que o estudo de Santos (2020) identificou a variável instrumento de coleta como relevante para o fenômeno da vocalização da lateral. A autora utilizou dois instrumentos: uma entrevista e a leitura de lista de frases. Esse monitoramento é muito contributivo para o campo da Sociolinguística, uma vez que, conforme constatado pela própria autora, a leitura de frases apresentou uma proporção bem maior da quantidade de ocorrências da lateral velarizada (94,7%, frente a 87,3% de ocorrências de velarização durante a entrevista).

Esse resultado comprova que a leitura de frases, por ser uma situação que envolve mais monitoramento da frase pelo falante, tende a apresentar ocorrências que mais se aproximem da variante padrão da língua e/ou da variante de maior prestígio social, enquanto que na entrevista há mais probabilidade de a fala chegar mais próxima da fala vernacular do indivíduo. Aqui, podemos interpretar que, em uma situação de maior monitoramento, ou seja, de maior consciência da importância da sua fala, o indivíduo opta pela utilização da norma padrão da língua, o que reacende discussões acerca da atitude linguística. Quando, no entanto, há pouco monitoramento da fala, o mesmo indivíduo apresenta taxas menores de utilização da mesma variante padrão, evidenciando que em seu vernáculo há o uso menos moderado da variante mais estigmatizada. Ou, podemos interpretar, ainda, que o seu vernáculo passa a apresentar traços de acomodação dialetal, visto que a variante mais estigmatizada na sua LM, nesse caso, é a forma mais comum encontrada no PB. Em outras palavras, na fala mais natural do indivíduo, ele apresenta evidências de convergência para o dialeto em contato, como estratégia demarcada na TA.

A pesquisa de Santos (*op. cit.*) foi a única das onze analisadas que controlou a variável “instrumento de coleta” e, dados os resultados a que a autora chegou, acreditamos que esse confronto da fala do mesmo indivíduo sob instrumentos de coleta diferentes é muito enriquecedor no campo de estudos da Sociolinguística, trazendo à tona questões de prestígio social enraizadas que podemos associar também a questões de atitude linguística.

Silva (2013) também controlou as variáveis estilo, país de origem, tonicidade e extensão do vocábulo, variáveis estas não controladas na pesquisa de Santos (2020) e das quais a única que não foi considerada como relevante foi a extensão do vocábulo que, curiosamente, foi considerada relevante nos estudos de Moura (2009) e Hora (2006) no

contexto de PB como LM. Essa divergência de resultados referentes à variável extensão do vocábulo nas pesquisas que investigaram o PB como LM e o PB como L2 pode ter se dado devido ao fato de que, no contexto de PB como LM, há o par opositivo *vocalização x apagamento*. Já na LM dos informantes, não foi verificada a existência desse par opositivo, pois não foi verificada a presença do apagamento. Nos casos das ocorrências em PB como LM, a extensão do vocábulo foi constatada como relevante, corroborando o princípio da saliência fônica, que preconiza que quanto mais material fônico, maior a tendência de apagamento de um segmento (CHAVES, 2014). Essa ideia é corroborada pela pesquisa de Moura (2009), que discutimos anteriormente. Logo, essa variável até poderia ter sido verificada como relevante (ou não) no PB como L2, desde que fosse investigada a presença do apagamento da lateral pelos falantes.

Vejamos, a seguir, a distribuição das variáveis independentes controladas nas pesquisas que abordaram outra perspectiva de língua: o inglês como LM. Os dados estão dispostos no Quadro 9, a seguir:

Quadro 9 - Variáveis independentes nas pesquisas que abordam o inglês como LM

Pesquisa Variáveis independentes	Johnson e Britain (2003)		Horvath e Horvath (1997)	
Idade	P	X	P	X
Região	P	X	P	X
Contexto fonológico precedente ³²	P	X	P	X
Contexto fonológico sucessor ³³	P	X	P	X
Classe social	-	-	P	X
Gênero	-	-	P	X
Tipo de /l/	-	-	P	X

Fonte: elaborado pelo autor.

No Quadro 9, acima, as variáveis independentes idade, região, contexto fonológico precedente e contexto fonológico sucessor foram controladas pelas duas pesquisas e, em ambas, os resultados apontam estas variáveis como relevantes para o fenômeno da

³² Na obra de Johnson e Britain (2003), são consideradas as variáveis independentes “duração da vogal precedente” e “consoante precedente”, enquanto na pesquisa de Horvath e Horvath (1997), faz-se menção à variável “contexto fonológico anterior”. Neste estudo, consideramos que as três variáveis independentes demarcadas podem ser entendidas como de uma mesma natureza, que julgaremos ser o contexto fonológico precedente.

³³ Em Horvath e Horvath (1997), os contextos fonológicos sucessores foram restritos ao contexto vocálico.

vocalização da lateral em posição final de sílaba na língua inglesa. Elas representam a totalidade das variáveis independentes do estudo de Johnson e Britain (2013) e uma parte das variáveis independentes controladas no estudo de Horvath e Horvath (1997) que, por sua vez, também investigaram a relevância das variáveis classe social, gênero, e tipo de /l/.

Sobre esse “segundo grupo” de variáveis que Horvath e Horvath (op. cit.) controlaram, todas elas também foram identificadas como relevantes para o fenômeno no estudo dos autores. Dessa forma, em língua inglesa, a vocalização do /l/ aparenta ser afetada por tantos fatores quanto aqueles relevantes para o fenômeno em PB como LM e entendemos que esse processo de mudança linguística, que acreditamos estar em curso nas localidades que possuem o inglês como LM, pode representar algo mais impactante em tais comunidades linguísticas do que naquelas que possuem o PB como LM (o Brasil inteiro, de modo geral), tendo em vista que a existência da variante velarizada no PB aparenta ser puramente questão de estilo, já que não se trata de um fonema, e sim de um alofone, não sendo distintivo nas variedades do PB.

Por fim, no Quadro 10, a seguir, estão dispostas as variáveis independentes controladas nos estudos que abordaram a última perspectiva de língua investigada, que foi o inglês como L2. Vejamos:

Quadro 10 - Variáveis independentes nas pesquisas que abordam o inglês como L2

Pesquisa Variáveis independentes	Baratieri (2006)		Hahn (2010)	
Contexto fonológico anterior	P	X	P	-
Contexto fonológico seguinte	P	X	P	-
Ponto de articulação	P	X	-	-
Modo de articulação	P	-	-	-
Sexo	-	-	P	-
Nível de inglês	-	-	P	X
Informante	-	-	P	X

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 10, acima, nos permite visualizar um fato curioso: não houve sequer uma variável independente que foi controlada pelas duas pesquisas e que tenha sido considerada como relevante por ambas. Enquanto a pesquisa de Baratieri (2006) apontou que as variáveis relevantes para o fenômeno da vocalização são o contexto fonológico anterior, o contexto

fonológico seguinte e o ponto de articulação, Hahn (2010) apontou que as variáveis relevantes são o nível de inglês e o informante.

É interessante perceber que Hahn (op. cit.) foi a única autora analisada em cuja pesquisa não foi considerado o contexto fonológico anterior como relevante no fenômeno da vocalização da consoante lateral. Inclusive, os dados da sua pesquisa não apontaram nenhuma variável linguística como relevante no fenômeno da vocalização da lateral em coda silábica. Mais uma vez, isso nos diz muito sobre o quanto o fator social interfere no comportamento linguístico do falante, reafirmando a consolidada posição da Sociolinguística nos estudos desta seara.

Com estas considerações, concluímos a análise e confronto de resultados referentes às variáveis independentes de modo segregado, de acordo com a perspectiva de língua investigada em cada pesquisa e apresentaremos, agora, o quão relevantes foram as variáveis no conjunto dos onze estudos analisados, sem os segregarmos por língua em análise.

- a) Contexto fonológico precedente: presente em todas as pesquisas, não considerado relevante apenas na pesquisa de Hahn (2010);
- b) Localidade, tonicidade, tempo de exposição: mostraram-se relevantes em todas as pesquisas que as controlaram;
- c) Gênero, faixa etária, posição da lateral: controladas por grande parte das pesquisas (8, 7 e 5, respectivamente) e, destas, apenas uma não as considerou como relevantes (com exceção do gênero, que foi considerada não relevante por duas pesquisas das 8 que a controlaram);
- d) Contexto fonológico seguinte: variável controlada por 9 pesquisas, das quais foi considerada relevante por 6;
- e) Escolaridade: controlada em 4 pesquisas, das quais 3 a descobriram relevantes;
- f) Extensão do vocábulo: controlada em 3 pesquisas, das quais 2 a revelaram relevantes. A pesquisa que não a identificou como relevante, de autoria de Silva (2013), acreditamos que não o fez porque não houve a identificação do par opositivo *vocalização x apagamento* na análise do PB como L2, conforme mencionamos anteriormente;
- g) Ponto de articulação, nível de inglês, informante, instrumento de coleta, estilo, tipo de /l/, classe social: cada uma delas foi controlada por uma única pesquisa e foram, todas, consideradas relevantes em suas respectivas pesquisas. Ressaltamos, porém, que nem todas estas variáveis poderiam ter sido controladas em todas as

pesquisas e algumas, de fato, só fazem sentido de acordo com a língua em análise. Por exemplo: a variável nível de inglês não parece, num primeiro momento, relevante de ser analisada em uma pesquisa que investigue a realização do /l/ em coda silábica no PB por falantes brasileiros;

- h) Modo de articulação, sândi, classe de palavra: controladas em uma única pesquisa cada e, mesmo assim, não consideradas relevantes para o fenômeno

Dos resultados acima, inferimos que não há um padrão sobre quais variáveis controlar para investigação do fenômeno da vocalização do /l/ em coda silábica. As variáveis tanto linguísticas como extralinguísticas/sociais vão muito de acordo com as especificidades da pesquisa, sendo a realização da lateral um aspecto geral comum às pesquisas analisadas, porém com a diferenciação nos objetivos específicos. Ainda assim, pesquisas semelhantes, com *corpus* semelhantes e mesma língua em foco, como é o caso de Santos (2020) e Silva (2013), podem apresentar variáveis distintas, objetivos distintos e resultados distintos.

Com as reflexões acima, concluímos nosso capítulo de análise e passamos, agora para as considerações finais do estudo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi possível verificar ao longo deste trabalho, a consoante lateral /l/ em posição de coda silábica possui algumas variantes tanto em língua portuguesa como em língua inglesa e pudemos observar, mediante análise de pesquisas anteriores sobre o tema, que fatores diversos, tanto linguísticos como extralinguísticos, atuam na decisão (consciente ou não) do falante por eleger uma variante ou outra no momento de sua fala.

Diante dos objetivos específicos que nos propusemos a cumprir, elencados na seção introdutória deste estudo, julgamos que tais objetivos foram cumpridos ao longo dos capítulos de 1 a 3 e consistiram em: apresentar considerações sobre a estrutura coda silábica e pesquisar características do fonema lateral (objetivos cumpridos nas seções 1.1 e 1.2, respectivamente); realizar estudo bibliográfico sobre a Sociolinguística Variacionista, o ensino de inglês como L2, a Teoria da Acomodação e as atitudes linguísticas (objetivos cumpridos nas seções de 2.1 a 2.4); analisar e comparar resultados de estudos que trataram sobre a realização do fonema lateral em posição de coda silábica nas perspectivas do PB e do inglês, na visão de ambos como língua materna (LM) e como língua estrangeira (L2). Essa análise e comparação foram realizadas no decorrer do capítulo 3.

Em relação ao nosso objetivo geral, expô-lo-emos aqui novamente para tecermos comentários a respeito: investigar o comportamento da variável sociolinguística /l/ em posição de coda silábica no PB e no inglês, tanto em contexto de língua materna como em contexto de língua estrangeira, de acordo com pesquisas anteriores realizadas sobre o tema, **buscando identificar pontos de convergência nos resultados de tais pesquisas.**

Dividindo a exposição desse objetivo em duas partes (a primeira antes do texto em negrito e a segunda em negrito, no parágrafo anterior), consideramos que a primeira parte foi cumprida ao longo dos três capítulos, conforme mencionamos no segundo parágrafo deste capítulo conclusivo.

Quanto ao trecho “buscando identificar pontos de convergência nos resultados de tais pesquisas”, consideramos que essa identificação foi de fato feita quando mencionamos, em nosso capítulo de análise, as variáveis independentes controladas em cada um dos estudos investigados com os respectivos resultados. Na ocasião, foi visto que tanto fatores linguísticos como extralinguísticos exercem considerável influência na realização da consoante lateral em posição de coda silábica.

Assumindo como sinonímicas as expressões “variáveis extralinguísticas” e “variáveis sociais”, chamamos atenção, mais uma vez, para a importância dos estudos da língua

enquanto objeto social, reafirmando a relevância do campo da Sociolinguística e suas ramificações. Nesse sentido, trazem-se à tona questões identitárias do indivíduo para com a sua comunidade de fala, fomentando discussões a respeito de suas atitudes linguísticas, especialmente em situações de contato dialetal, motivo pelo qual elegemos a Teoria da Acomodação como uma das teorias de embasamento da nossa análise. A influência dessa teoria ficou bastante clara quando discutimos, por exemplo, os trabalhos que trataram o PB como L2 – Silva (2013) e Santos (2020) – cujos informantes possuíam o /l/ velarizado ([ɫ]) como fonema (e não apenas como alofone) em sua LM e passaram a acomodar a variante vocalizada ([w]), característica do PB.

A propósito, quando nos referimos a um contexto de L2, além das questões de atitudes linguísticas, pudemos perceber a ocorrência de transferência de características da LM do indivíduo quando de sua fala em L2. Essa discussão perpassa tanto aspectos de conhecimento empírico do indivíduo sobre as línguas envolvidas como também questões de conhecimento formal sobre as referidas línguas, motivo pelo qual tivemos também que abordar o ensino de inglês como L2, já que este idioma foi o escolhido para análise do fonema objeto de estudo desta pesquisa.

Supusemos, em nossa introdução, que seriam encontradas variáveis diversas que interferem na forma de pronunciar o fonema lateral em coda silábica e, além disso, que haveria algumas variáveis que apareceriam em mais de um dos trabalhos sob análise, senão em todos. Essa suposição foi comprovada quando encontramos, por exemplo, a variável linguística *contexto fonológico precedente* em absolutamente todas as pesquisas analisadas. Com isso, entendemos que os autores investigados supunham que esta variável era relevante para o fenômeno da vocalização do /l/ e quase 100% deles tiveram essa comprovação. A única exceção, ou seja, a única autora que investigou essa variável e não a identificou como relevante, foi Hahn (2010), cujo estudo investigava a fala em inglês como L2 por falantes gaúchos.

Houve também outras variáveis que, apesar de não terem sido controladas em todos os estudos, foram identificadas como relevantes em todos os que as controlaram. Foram elas: localidade, tonicidade, tempo de exposição. Esses resultados comprovam a indissociabilidade da díade *língua e sociedade*, visto que as variáveis mencionadas são tanto linguísticas (tonicidade) como sociais (localidade e tempo de exposição) investigadas em um processo linguístico (a fala).

Não podemos deixar de ressaltar a importância também das seguintes variáveis: gênero, faixa etária, posição da lateral, contexto fonológico seguinte, escolaridade e extensão

do vocábulo, que foram consideradas relevantes na maioria das pesquisas que a investigaram. Desse resultado, entendemos que as referidas variáveis possuem importante papel na realização da lateral em coda silábica e também as consideramos como chaves para entendimento do fenômeno. Dessa forma, julgamos que qualquer uma delas só poderia ser excluída da gama de variáveis de uma pesquisa sociolinguística caso a referida pesquisa possuía especificidades que justifiquem a sua ausência. Foi o que comentamos, por exemplo, quando dissemos que a variável nível de inglês não parece, num primeiro momento, ser relevante para estudos que investiguem características do PB produzidas pelos próprios falantes brasileiros.

Por fim, comentamos que foi feita também a hipótese de que haveria significativas taxas de vocalização ([w]) e de apagamento ([Ø]) da lateral por falantes brasileiros das variedades encontradas na região nordeste nas situações em que o fonema ocupa a posição de coda silábica no inglês, devendo aparecer poucas ou nenhuma ocorrência da variante velarizada [ɫ], frente a uma esperada recorrência da variante velarizada por falantes da região sul. De fato, os falantes da região nordeste apresentaram maiores taxas de vocalização e apagamento da lateral quando comparados com os falantes do sul, até mesmo porque, como foi visto, estes falantes apresentam inclusive interessantes ocorrências de velarização do /l/ em coda silábica no próprio PB, o que praticamente não ocorre nas variedades encontradas na região nordeste.

A manutenção da variante velarizada em L2 nos dá sinais, inclusive, a respeito da atitude linguística positiva dos falantes do Rio Grande do Sul em relação ao seu próprio dialeto, ou sua variedade linguística. De forma semelhante, a prevalência da variante vocalizada no inglês como L2 pelos falantes nordestinos revela que estes falantes possuem, conscientemente ou não, atitude linguística positiva em relação ao seu próprio dialeto, pois utilizam a variante vocalizada na fala em inglês, quando “deveriam” produzir a variante velarizada. Dessa forma, e pensando nos termos da TA, podemos inferir que os falantes nordestinos divergiram da língua-alvo, priorizando as características da sua própria língua em detrimento das características da L2.

Como sugestão para pesquisas futuras semelhantes a esta, mencionamos a ideia para que sejam feitos estudos que considerem uma quantidade ortogonal de pesquisas para cada tipo de língua a analisar. Isso proporcionaria uma abrangência maior tanto de variáveis analisadas, para refletir se mais variáveis presentes em outras pesquisas seriam relevantes para outras perspectivas de língua, como de possibilidades de cruzamento de tipos de pesquisa. Em outras palavras, poderia ser investigado se algum “perfil” de variáveis é mais recorrente em

pesquisas que investigam determinada língua como LM, enquanto outros tipos de variáveis são mais recorrentes em pesquisas que investigam a mesma língua como L2 e assim por diante.

Outra possibilidade interessante seria fazer uma análise comparativa, tal qual fizemos, cruzando com novos dados coletados. Poderia, por exemplo, ser feita uma pesquisa cujas variáveis independentes controladas fossem aquelas que identificamos como relevantes nas pesquisas que analisamos nesta dissertação, aplicando-as a dados coletados com novos falantes.

Concluimos nossas reflexões com o entendimento de que a língua vai além de uma estrutura, conforme preconizavam Saussure e Chomsky, consolidando-se como fator social e que muito revela a respeito daqueles que a utilizam e, nesse sentido, a Sociolinguística e suas ramificações representam importantes segmentos de estudo que fomentam a celebração da diversidade, que é característica do ser humano e que foi, por muito tempo, banalizada ou negligenciada pela sociedade como um todo e que, em determinadas esferas sociais, ainda o é.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de PLH. In: RAZKY, Abdelhak; GUSMÃO, Elisângela (Orgs.). *Pesquisas em crenças e atitudes linguísticas*. Araraquara: Letraria, 2019.
- ALVES, Anilda Costa. *Análise variacionista da produção da fricativa interdental surda do inglês /θ/ por aprendizes brasileiros*. Universidade Federal da Paraíba, 2018. (Dissertação de Mestrado).
- AQUINO, Carla de. *Consciência fonológica na aquisição do inglês como língua estrangeira*. Research Gate. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/327043939_Artigo_BELT_-_Consciencia_fonologica_na_aquisicao_do_ingles_como_Lingua_Estrangeira>. Acesso em: 24 mar. 2021.
- BARATIERI, Jacir Paulo. *Production of /l/ in the English coda by Brazilian EFL learners – an acoustic-articulatory analysis*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. (Dissertação de Mestrado).
- BAYLEY, Robert. *Second language acquisition and sociolinguistic variation*. Intercultural Communication Studies XIV. 2, 2007.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria English Editora, 1977.
- _____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- CARDOSO, Denise Porto. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Blucher, 2015.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário. Eduardo. *et al* (Orgs.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHAVES, Raquel Gomes. *Princípio de saliência fônica: isso não soa bem*. Letrônica. Porto Alegre, v. 7, n. 2, 2014.
- COELHO, Izete Lehmkuhl *et al*. *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COLLISCHONN, Gisela; QUEDNAU, Laura Rosane. As laterais variáveis da região sul. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (orgs.). *Português do sul do Brasil: variação*

fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em:
<<http://www.pucrs.br/edipucrs/portuguesdosuldobrasil.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2020.

CRANE, Cybelle Croce Rocha. *Língua materna, língua estrangeira, segunda língua*. Revista Paidéi@, UNIMES VIRTUAL, v. 2, n. 4. 2011. Disponível em:
<<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

ELLIS, Rod. *Second Language Acquisition*. 8 ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.

FRAGOZO, Carina Silva. *A redução vocálica em palavras funcionais produzidas por falantes brasileiros de inglês como língua estrangeira*. 2010. 188 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

FRANCÊS JUNIOR, Celso. *Atitude linguística e revitalização da língua Mundurukú: observações preliminares*. 2014. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

GARRETT, Peter. *Attitudes to language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

GILES, Howard; COUPLAND, Justine; COUPLAND, Nikolas. *Contexts of accommodation: developments in applied sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

GILES, Howard; WILLEMYNS, Michael; GALLOIS, Cynthia; ANDERSON, Michelle Chernikoff. *Accommodating a new frontier: the context of law enforcement*. In: FIEDLER, Klaus. (Ed.). *Social communication*. New York: Psychology Press, 2011.

HAHN, Laura Helena. *A realização da lateral /l/ no inglês por falantes do português brasileiro*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. (Dissertação de Mestrado)

HORA, Demerval da. *Variação da Lateral /l/: correlação entre restrições sociais estruturais*. SCRIPTA, Belo Horizonte, vol. 9, n. 18, 29-44, 2006. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12592/9891>>. Acesso em: 27 nov. 2020.

HORA, Dermeval da; PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro; CARDOSO, Walcir. *Status da consoante pós-vocálica do português brasileiro: coda ou onset com núcleo não preenchido foneticamente?*. Letras Hoje, Porto Alegre. V.45, n 1, p. 71-79, jan./mar. 2010.

HORVATH, Barbara; HORVATH, Ronald. *The geolinguistics of a sound change in progress: /l/ vocalization in Australia*. University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics. 109-124. Disponível em:
<<https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1606&context=pwpl>>. Acesso em: 23 jul. 2020.

JOHNSON, Wyn; BRITAIN, David. *L Vocalisation as a Natural Phenomenon*. Essex Research Reports in Linguistics. Vol. 44. Essex: University of Essex, 2003.

KELLY, Gerald. *How to teach pronunciation*. United Kingdom: Pearson Education Limited, 2000.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Marcos Bagno et al trad. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LACERDA, Willian Ferreira Furtado de; CAVALCANTE, Daiane Aparecida; LUCENA, Rubens Marques de. *Crenças e atitudes linguísticas da comunidade de fala piranhense à luz da Sociolinguística Variacionista*. Revista (Con)Textos Linguísticos (UFES), 2020, v. 14, n. 27, p. 439-457. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/contextoslinguisticos/article/view/29134>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

MOURA, Adriano Carlos de. *O comportamento da lateral pós-vocálica em posição de coda silábica no falar tocantinense: uma análise variacionista*. Universidade Federal da Paraíba, 2009. (Dissertação de Mestrado).

O'CONNOR, Joseph Desmond. *Better English Pronunciation*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias*. São Paulo: Parábola, 2014.

OPPENHEIM, Abraham Naftali. *Questionnaire design, interviewing and attitude measurement*. 2.ed. (rewritten). London; New York: Continuum, 1992.

PINHO, Antonio José de; MARGOTTI, Felício Wessling. A variação da lateral posvocálica /l/ no português do Brasil. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 67-88, maio 2010. ISSN 1984-8420. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11n2p67/17634>>. Acesso em: 06 jun. 2020.

QUEDNAU, Laura Rosane. *A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear*. Porto Alegre: UFRGS, 1993. (Dissertação de Mestrado)

SANTOS, Ohana Soara Andrade. *A lateral pós-vocálica em coda silábica: um panorama da velarização em contato dialetal*. João Pessoa: UFPB, 2020. (Dissertação de Mestrado)

SEARA, Izabel Christine, NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Fonética e Fonologia do português brasileiro*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Greize Alves da. Identidade linguística: a migração e os contatos intervaretais na formação dos falares do/no Tocantins-TO. In: RAZKY, Abdelhak; GUSMÃO, Elisângela (Orgs.). *Pesquisas em crenças e atitudes linguísticas*. Araraquara: Letraria, 2019.

SILVA, Mikaylson Rocha da. *Contato dialetal: atitudes do falar paraibano em São Paulo*. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SILVA, Paloma Freire de Queiroz e. *A lateral pós-vocálica em contato dialetal: um estudo com africanos lusófonos em João Pessoa*. 2013. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba – UFPB. PROLING, João Pessoa.

SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *Pronúncia do inglês: para falantes do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.

SPINASSÉ, Karen Pupp. *Os conceitos língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil*. Revista Contingentia, 2006, v. 1, n. 1, p. 1-10. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3837/2144>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SWINGLER, David Diniz. *Tabu linguístico: mapeamento das atitudes relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano*. 2016. 165 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

WILKINS, David. Grammatical, Situational and National Syllabuses. In: BRUMFIT, Christopher; JOHNSON, Keith. (orgs.). *The Communicative Approach to Language Teaching*. Hong Kong: Oxford University Press, 1994, p. 82-90.